



**Sónia Sofia
Costa Ferreira**

**Exploração Motora
Vs
Impulsividade Motora - Estudo de caso**

Relatório apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar, sob orientação da Dra. Helena Mateus.

Agradecimentos

Embora uma dissertação seja, pela sua finalidade académica, um trabalho individual, há contributos de natureza diversa que não podem e nem devem deixar de ser realçados. Por essa razão, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos:

À minha orientadora, professora Dra. Helena Mateus pela orientação dispensada, pelo rigor exigido, pela crítica construtiva e pela compreensão que teve comigo durante este tempo.

À professora e orientadora do curso Dra. Isabel Carvalho por me ter apoiado em todos os momentos.

Às minhas amigas e colegas de trabalho que sempre me ajudaram em tudo que necessitei e sempre estiverem presentes nos momentos mais difíceis.

À Educadora Raquel Rodrigues por me ter ajudado, ao longo deste ano e durante os 4 anos de curso, a desenvolver este trabalho tal como tudo o resto.

À amiga e diretora pedagógica Goretti Dâmaso que esteve sempre presente em todas as etapas e nunca me deixou desistir, dando-me forças para continuar.

Ao meu namorado Luís Sequeira pela paciência e compreensão que teve para comigo, durante os 4 anos de curso e a todos os meus amigos pela ausência.

Por fim e com imensa saudade quero agradecer aos meus pais por tudo aquilo que fizeram por mim e continuam a fazer mesmo não estando presente. Estarão sempre no meu coração. Obrigada por fazerem de mim a pessoa que hoje sou. Amo-vos muito.

Sei que não há palavras para agradecer tudo que fizeram por mim, mas também não há forma melhor de o fazer, se não escrever, a todos um grande OBRIGADO.

Índice

Introdução.....	5
I - Caracterização do contexto.....	7
II – Problemática.....	8
III - Enquadramento teórico	
1.Caraterísticas das crianças com dois anos de idade segundo Piaget e Wallon	
1.1. Teoria dos estádios cognitivos de Piaget.....	10
1.2. Estádios de desenvolvimento de Wallon.....	13
2. Comportamentos disruptivos.....	17
2.1 Agressividade.....	20
2.2 Exploração motora vs Impulsividade motora.....	21
IV - Enquadramento metodológico.....	23
1. Caracterização da Criança X.....	24
V - Análise e discussão de dados.....	26
VI – Conclusão.....	31
VII - Reflexão sobre a prática pedagógica.....	34
Bibliografia.....	54

Índice de Quadros

Quadro 1 -Desenvolvimento Cognitivo de Jean Piaget.....	10
Quadro 2 - Medidas adotadas para a prevenção de comportamentos disruptivos.....	19
Quadro 3 – Cronograma das atividades realizadas no período de estágio.....	36

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Momentos em que ocorre a agressividade.....	27
Gráfico 2 – Local das Agressões.....	27
Gráfico 3 – Momentos de Agressividade.....	28

Apêndices

Apêndice 1 - Grelha de Observação Comportamental

Anexos

Anexo 1 – Regulamento Interno da Instituição

Anexo 2 – Planta da Sala

Anexo 3 – Dados das Crianças: Nível socioeconómico dos pais

Anexos 4 - Ficha de Observação realizada pela Educadora

Anexo 5 – Avaliação do Desenvolvimento da Criança dos 24 aos 36 meses

Anexo 6 – Folha de Perfil de Desenvolvimento

Anexo 7 – Programa da Unidade Curricular da Prática do Ensino Supervisionado

Introdução

O presente relatório de investigação integra-se no âmbito da Unidade Curricular Seminário em Educação de Infância, sob a orientação da Dra. Helena Mateus e da co-orientação da Professora Doutora Ana Cabral. Este trabalho tem como intenção a realização de um projeto de investigação a aplicar em contexto de prática pedagógica.

Ao decorrer da nossa prática de Ensino Supervisionado e fazendo ponte com a unidade curricular Projeto de Seminário tínhamos que encontrar um problema que fizesse parte do nosso meio educativo e que tivesse uma relação direta com as crianças. Foram surgindo algumas ideias, que não nos foram de todo satisfatórias para realizar um projeto de investigação.

“O primeiro problema que se opõe ao investigador é muito simplesmente o de saber começar bem o seu trabalho. De facto, não é fácil conseguir traduzir o que vulgarmente se apresenta como um foco de interesse ou uma preocupação relativamente vaga num projeto de investigação opcional.” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.28).

Após várias observações feitas no local de estágio deparamos com uma criança que se encontrava várias vezes em conflitos com os amigos da sala, provocando-os e batendo-lhes com frequência. Achamos essa atitude estranha e pensamos que seria uma fase de desenvolvimento da criança, mas após constantes observações, e por já conhecermos esta criança de outros anos, reconhecemos tal atitude, motivo de uma pequena investigação.

Esta investigação inscreve-se num estudo de caso uma vez que nos iremos debruçar no estudo do comportamento de uma só criança e tentar perceber as razões para tais atitudes, sem a interferência do adulto.

O presente relatório foca o local da prática tal como toda equipa a ela inerente (intervenientes). Segue-se a justificação do tema com o apoio fundamentado no enquadramento teórico e metodológico para que no fim se possa confrontar estes dados com os recolhidos justificando os métodos de investigação escolhida.

Pensamos que a escolha deste tema é pertinente, porque em vários anos de serviço como auxiliar de educação nunca nos deparamos com o facto de uma criança

tão pequena ter atitudes tão agressivas com os amigos da sala, interferindo nas brincadeiras com o objetivo de destruí-las.

Este trabalho é enfrentado como um grande desafio. A gravidade dos comportamentos desta criança não se encaixa nos referenciais teóricos característicos da faixa etária.

Ao tentarmos perceber o porquê destes comportamentos, também vamos retirar implicações para a nossa prática, de modo a melhorar a nossa intervenção, atuando junto desta criança, tentando prevenir e reduzir tais comportamentos ou corrigindo de forma mais segura os efeitos da sua agressividade junto dos amigos.

I. Caraterização do Contexto

A instituição Y situa-se no Distrito do Porto, no concelho de Matosinhos na freguesia de Leça do Balio.

Esta instituição é particular sem fins lucrativos, é uma moradia de dois andares que foi restaurada para o efeito. No exterior, existe um jardim (onde é realizado o recreio) e uma lavandaria. A sala dos 2 anos situa-se no 1º andar da casa tal como a casa de banho de apoio a esta sala.

Este estabelecimento é composto pela seguinte equipa técnica, três Educadoras, sendo uma delas a diretora pedagógica, duas auxiliares, uma cozinheira e uma auxiliar de serviços gerais. O horário deste estabelecimento decorre das 7:30 às 24h, sendo o período normal de funcionamento das 8h às 18:30 e o restante do tempo é considerado prolongamento (ver em anexo 1, o regulamento da instituição).

Os intervenientes nesta investigação são um grupo de 13 crianças com idades compreendidas entes os 24 e os 36 meses, a sala (Planta da sala em anexo 2) situa-se no 1º piso. É um grupo heterogéneo, sendo o sexo feminino predominante. O nível socioeconómico destas crianças é na generalidade médio como poderemos constatar no anexo 2.

É um grupo muito dinâmico e interessado, é falador e gosta de aprender coisas novas. Apreciam os jogos, as histórias e adoram música. Relativamente às atividades orientadas é um grupo que demonstra interesse, mostrando entusiasmo em participar nas mesmas, bem como nas atividades semiorientadas. Nas atividades livres, é um grupo que gosta de brincar nos diferentes cantos da sala, procurando os objetos existentes nos mesmo, bem como a companhia dos amigos e/ou adulto. Gostam de brincar ao faz-de-conta no cantinho da casa das bonecas, em especial na cozinha, realizar jogos e participar nas atividades de expressão plástica. Demonstra grande entusiasmo e interesse pelas canções e pelas danças. Revela facilidade em interiorizar as regras da sala e da escola, sendo bastante autónomo na realização da rotina. As crianças conseguem alimentar-se sozinhas, apresentam um sono calmo e todas elas já controlam os esfíncteres.

Ao nível da socialização este grupo é bastante sociável, embora algumas crianças reajam mal perante pessoas estranhas.

II. Problemática

Segundo Quivy e Campenhoudt (1995) uma problemática é um levantamento de várias perguntas “O investigador deve procurar enunciar o projecto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual tenta exprimir o mais exactamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor.” Tem que partir de algo que não é satisfatório, algo que se possa resolver a médio longo prazo ou a curto prazo. Aquando nos foi proposto fazer um plano de investigação na área da Educação e no centro de estágio, algumas ideias foram-nos surgindo, mas foram sempre refutadas pela ideia que surgiu inicialmente e até antes de tal proposta levantando-se assim algumas das seguintes perguntas:

- Será que esta criança tem sempre comportamentos agressivos?
- Em que momentos do dia é que os comportamentos menos adequados se manifestam?
- Será que estes comportamentos estão associados ao termo “Comportamentos Disruptivos”?
- Será que esta criança tem impulsividade motora?

Para que estas perguntas não fiquem sem respostas optamos por definir alguns objetivos e finalidades que serão confrontadas com a teoria, concordando assim com Quivy e Campenhoudt (1995) quando se refere à exploração de objetivos “a exploração comporta as operações de leitura (...). As operações de leitura visam essencialmente assegurar a qualidade da problematização...”

Os objetivos são:

- Detetar com mais precisão e detalhe o comportamento da criança;
- Analisar em que tipo de atividades (atividade livre, orientada e semiorientada) a criança manifesta estes comportamentos;
- Encontrar, à luz de diferentes correntes teóricas, explicações que justifiquem a presença deste tipo de comportamentos;
- Contribuir para a prevenção e para a diminuição de tais comportamentos;

O que nos leva a fazer deste tema uma problemática, é que em vários anos de serviço, como auxiliar de educação, nunca tínhamos encontrado uma criança com estas características. Esta criança consegue ser humilde, amigo do amigo, mas ao

mesmo tempo é impulsivo e ofensivo com os mesmos. Nos momentos de atividades, é bastante observador, participativo, aplicado e atento, mas, em simultâneo e por vezes, reage, nem sempre da melhor forma, perante algumas respostas e ações dos amigos. Nos momentos de brincadeira, quer ser sempre o primeiro a ter qualquer objeto e a fazer essa mesma brincadeira, o que nem sempre acontece. Nessa altura, reage de forma impulsiva e espontânea para com os amigos, para ganhar a sua posição.

Em suma, os seus comportamentos são, por vezes, exagerados perante as situações, fora do contexto e muito “perspicazes”, alguns desses comportamentos acontecem quase sem o adulto sem se aperceber (daí ser necessário o contato diário com a criança e conhecê-la muito bem).

Pelos motivos anunciados anteriormente, achamos pertinente fazer este tipo de estudo com uma criança tão pequena, mesmo sabendo que a “violência” não faz parte desta idade. Esta idade é caracterizada pelo egocentrismo. Este torna-se mais evidente na linguagem e no jogo simbólico e não nas atitudes. Pensamos que este tema vai ser muito desafiante e enriquecedor ao nível pessoal e profissional. Irá permitir um aprofundamento sobre o tema em questão – Impulsividade Motora, e tentar encontrar respostas que nos façam, num futuro profissional próximo, ter ferramentas para conseguirmos lidar com crianças que apresentem esta problemática.

III. Enquadramento teórico

1. Características de desenvolvimento da criança segundo Piaget e Wallon

1.1. Teoria dos estádios Cognitivos de Piaget

Segundo Schaffer (2004) Jean Piaget foi o psicólogo que mais estudou a inteligência humana da criança através de observações feitas aos seus três filhos. Piaget modificou a nossa maneira de pensar sobre as crianças e o seu desenvolvimento intelectual. Para Piaget o interesse estava em perceber o modo como as crianças davam uma determinada resposta e qual era o raciocínio que estas faziam para a obtenção da mesma. Piaget criou uma teoria abrangente de como o desenvolvimento cognitivo era resultante de uma capacidade de obter e usar conhecimento sobre o mundo.

Piaget foi o precursor do cognitivismo. Segundo Papalia & Olds (1998) o mesmo autor realizou mais investigações sobre o cognitivismo infantil do que qualquer outro teórico. Estas investigações deram origem a que houvesse um leque rico de informações e algumas conclusões surpreendentes, mostrou que a mente da criança não tem o mesmo modo de pensar que a do adulto.

Uma parte essencial da teoria de Piaget é a sua certeza no progresso do desenvolvimento por estádios. Cada estágio é definido por diferentes formas do pensamento. A criança deve atravessar cada estágio segundo uma sequência regular. Se a criança desde cedo não tiver estímulos e não for motivada, posteriormente terá uma certa dificuldade em superar o seu desenvolvimento e de passar para o estágio seguinte. Segundo Shaffer (2004) “Piaget não acreditava que o desenvolvimento cognitivo pudesse ser encarado como a acumulação quantitativa de conhecimentos: via-o como uma série de passos de preferência a uma linha continua em que cada passo representa uma forma de pensar sobre o mundo que é *qualitativamente diferente* do estágio anterior do estágio seguinte”

Os estádios que Piaget considera relevantes são 4 que vão desde o nascimento até aos 12 anos de vida como serão descritos no quadro seguinte.

Quadro1 - Estádio do desenvolvimento Cognitivo de Piaget

Estádios	Caraterísticas distintivas
Sensório-motor (do nascimento aos dois anos)	O bebé depende dos meios sensoriais e motores para aprender e compreender o meio ambiente. As estruturas cognitivas são baseadas na ação, tornando-se gradualmente mais complexas e coordenadas. Apenas na parte final deste período é que as ações serão interiorizadas para formarem os primeiros símbolos representacionais.
Pré-operatório (2-7 anos)	A criança usa símbolos (palavras, imagens mentais) nos seus esforços para compreender o mundo. O jogo imaginativo torna-se possível, sendo a criança claramente capaz de distinguir entre a fantasia e a realidade. O pensamento é basicamente egocêntrico e só na parte final deste período é que a criança se torna capaz de tomar em consideração o ponto de vista dos outros.
Operações concretas (7-11 anos)	A criança adquire uma variedade de operações mentais tais como a classificação múltipla, a reversibilidade, a seriação e a conservação, através das quais pode mentalmente manipular símbolos de diferentes maneiras. Surge o pensamento lógico, mas a resolução de problemas ainda está mais ligada a eventos concretos do que a conceitos abstratos.
Operações formais (a partir dos 11 anos)	A criança é agora capaz de executar operações mentais que envolvem abstrações e raciocínio lógico. Pode considerar uma série de soluções possíveis para um problema sem ter de agir concretamente, ou seja é capaz de lidar com situações inteiramente hipotéticas. O pensamento incide cada vez mais em ideias do que em objetos.

Fonte: Shaffer, 2004, p.190.

De acordo com Papalia & Olds (1997), Piaget refere que o desenvolvimento cognitivo surge por meio de três princípios interligados: organização, adaptação e equilíbrio. Estes princípios atuam em todos os estádios de desenvolvimento e ostentam todas as interações com o ambiente. Segundo as autoras a organização cria

sistemas de conhecimento cada vez mais complexos. As pessoas organizam o que conhecem por meio de representação da realidade que ajuda a dar um sentido ao mundo por elas vivido; a adaptação é a forma como as pessoas encaram as novas informações; a equilibração é a procura do equilíbrio entre a criança e o mundo exterior e entre as próprias estruturas cognitivas da criança. (Papalia & Olds, 1997, p.49)

Em traços gerais, o grau de desenvolvimento “normal” de uma Criança com 2 anos de idade é marcado pelo início da tomada de consciência de si própria, do seu corpo, dos seus movimentos corporais e pelas construções frásicas.

Como se pode verificar, no quadro 1, a criança em estudo encontra-se no estágio pré operatório, este estágio encontra-se subdividido por dois subestádios, primeiro pelo pensamento Pré-conceptual (2/3 anos) e segundo, pelo de Pensamento Intuito. O pensamento pré - conceptual vence um pensamento mágico, onde os desejos se tornam realidade possuindo também as seguintes características:

- Fenomenismo: estabelece uma ligação entre os fenómenos que são vistos como próximos pelas crianças. Exemplo vontade de dormir significa que já é de noite.
- Finalismo: cada coisa tem uma função e uma funcionalidade para justificar a sua existência.
- Artificialismo: que tudo artificial que tudo o que existe é construído pela mão Humana e nada feito pela Mãe Natureza
- Animismo: todos os objetos têm vida.

O pensamento intuitivo surge a partir dos 4 anos, permitindo que a criança resolva determinados problemas, este pensamento é irreversível.

O estágio pré-operatório é fulcral para o desenvolvimento da criança. Apesar desta, não conseguir efetuar operações, já utiliza a inteligência e o pensamento. É deste modo que a criança utiliza a inteligência e o pensamento para organizar as suas estruturas gramaticais da linguagem oral, compreendendo e utilizando as palavras. Segundo Strommen (1986) a inteligência é um atributo universal, uma das suas características é a adaptação que consiste em dois processos equilibrados: acomodação e assimilação. Citando Strommen (1986) “a acomodação se refere à reformulação de

estruturas intelectuais de modo que possam agora manipular nova informação..., enquanto a assimilação se refere à incorporação do acontecimento ou da informação à estrutura intelectual.” Nesta organização de processos é importante a aprendizagem intuitiva através da imitação de sons e o emergir de novas palavras. Neste estágio a criança já é capaz de representar as suas vivências e a sua realidade, através de diferentes significantes (modelos ausentes) como o jogo simbólico, o desenho, a linguagem, a imitação diferida e a imagem mental como refere Borges (1987). É aqui que se denota o egocentrismo na criança de dois anos, por vezes parece que as crianças estão a dialogar, mas conscientemente estão a falar sozinhas.

Segundo Gleutman et all (2003) o termo egocentrismo não envolve egoísmo. A criança não consegue colocar-se na posição do outro, ou seja não consegue perceber que existe diferentes pontos de vista e que o seu não é único. “Pensar duma maneira diferente egocêntrica significa por um lado que não nos adoptamos às afirmações e aos pontos de vista dos outros, mas que reportamos tudo a nós próprios e por outro lado que consideramos sempre a nossa percepção imediata como absoluta.” (Tran-Tong, 1967, p. 53).

1.2. Estádios de Desenvolvimento de Wallon

Wallon considera que não existe um processo calmo ao longo do desenvolvimento, mas sim um processo que se desenrola através de crises e conflitos que geram crescimento e conseqüente evolução.

Segundo a Borges (1987) Wallon refere seis estádios na personalidade da criança

1. Estádio da impulsividade motora
2. Estádio emocional
3. Estádio sensório motor e projectivo
4. Estádio do personalismo
5. Estádio categorial
6. Estádio de puberdade e adolescência

Cada estágio imerge as suas origens no estágio anterior e preserva-se no estágio seguinte “de acordo com um mecanismo de integração funcional”.

O estádio impulsivo motor corresponde aos primeiros meses de vida da criança fora do útero. A criança, embora, não esteja totalmente dependente da mãe, continua ainda dependente do meio humano à sua volta para a satisfação das suas necessidades mais básicas. Os movimentos que estas crianças fazem são apenas descargas musculares. Como refere Borges (1987) citando Wallon, que atingem o tronco em forma de espasmos. “São precisamente estas descargas musculares que caracterizam a *impulsividade motora pura*, obedecendo a três condições: falta de finalidade externa; ligação às impressões propriocetivas, suscetíveis a auto ativação: serem fruto da atividade tónica”, como nos indica Borges (1987).

O movimento sob todas as suas formas resulta em atividade muscular, que apresenta dois aspetos: Aspetos Clónico ou cinético (encurtamento ou alongamento dos músculos) e aspetos tónico (contração ou relaxamento muscular).

Segundo Borges (1987) Wallon enfatiza a relação do aspeto clónico do movimento com o desenvolvimento cognitivo, enquanto o aspeto tónico estaria mais interligado com a emoção e afetos. Para o autor a emoção não fica em segundo plano, é o desenlace de toda a ação e portadora de potencial psicológico.

Neste estado de impulsividade a atividade predominante será a tónica.

Wallon situa o Estádio Emocional entre os seis e os doze meses, destacando que o bebé necessita de afetos começando pelas primeiras relações sociais. Neste estágio a emoção é fulcral e domina todo o relacionamento do bebé com o envolvimento. A função tónica, através dos gestos impulsivos da criança, mímicas e atitudes, é a ferramenta que o bebé tem para comunicar com o meio as suas necessidades. Segundo Borges (1987), referenciando Wallon diria que a emoção é um elemento da vida psicológica importante ao longo de toda a evolução, particularmente nas primeiras fases de desenvolvimento.

Entre os doze e os vinte e quatro meses ocorre o Estádio Sensório-Motor e Projetivo, em que a criança começa a direcionar as suas atividades e os seus interesses para o mundo que o rodeia, fazendo um reconhecimento perceptivo e posteriormente um reconhecimento nominativo. “ A partir de reacções que traduzem os seus impulsos, as suas necessidades fisiológicas ou afectivas, ela (a criança) faz gradualmente emergir os gestos e as condutas comandados pelos objectos tomados em si mesmo, ao mesmo tempo que o seu reconhecimento perceptivo e depois

normativo.” (Tran-Tong, 1967, p.186 in Wallon). Este estágio relaciona-se com o amadurecimento do sistema nervoso e o desenvolvimento da sensibilidade. Segundo Borges (1987), a partir do primeiro ano de vida atividade sensório motora faz-se em duas directrizes independentes e ao mesmo tempo completares: Manipulação dos objetos e exploração do espaço tendo esta exploração continuidade devido à locomoção da criança (a criança reconhece e identifica objetos, esta identificação é feita através da linguagem). A atividade motora serviria de suporte à atividade representativa, contribuindo para uma permanência das imagens mentais na consciência. Segundo Tran-Tong 1987 p.187, citando Wallon o estágio projectivo é aquele “em que a criança se exprime tanto através dos gestos como através das palavras, em que parece mimar o seu frágil pensamento e distribuir as suas imagens pelo meio actual como que para assim lhe conferir uma certa presença”

No decorrer do estágio anterior a criança demonstra um momento de afetividade, que se prolonga no Estádio de Personalismo dos três aos seis anos de idade. É um período fundamental e fulcral para a formação da personalidade da criança e da autoconsciência. Este estágio caracteriza-se pela oposição da criança perante o adulto e pela imitação que esta faz quer a nível social quer a nível motora.

“ A criança quer ser sedutora aos olhos dos outros e para sua própria satisfação. É uma idade de narcisismo. Mas cedo precisa de novos méritos que quer adquirindo plagiando outrem. Já não se trata de reivindicação mas dum esforço de substituição pessoal por imitação. Em vez de incidir sobre simples gestos, a imitação será dum papel, dum personagem dum ser preferido e muitas vezes de quem ela tem ciúmes. No entanto este desejo de autonomia ou de preponderância total não passa sem dependência estreita do meio imediato.” (Tran-Tong, 1987, p.207)

O Estádio Categorical manifesta-se entre os seis e os onze anos. Caracteriza-se pelo intenso poder de abstração da mente da criança, ou seja esta deixa de viver no mundo da fantasia e começa a perceber o mundo real, começa a entender a diferença entre o EU e o OUTRO.

No início deste estágio o pensamento por pares é preponderante, pois este forma-se através de oposições e semelhanças. É o par que sustenta o pensamento sincrético. Enquanto o seu mundo é construído através do sonho e da fantasia, o mundo real é um constante amaranhado de códigos culturais e de símbolos, é neste contexto que a criança desenvolve a sua inteligência, sendo o sincretismo um fator determinante.

Este estágio organiza-se através de uma estrutura mental que está dividida em duas fases : Fase pré-categorial, entre 6 e 9 anos (pensamento sincrético); Fase categorial, entre 9 e 11 anos, onde a criança classifica e ordena todas as coisas que vivencia.

A criança precisa de incentivo para ter novos grupos, dividir tarefas, trabalhar em equipa e ser aceite, isto ajuda a que esta consiga lidar com as suas inquietações e com as diversas questões que irão surgir com o aparecimento da adolescência.

O Estádio da puberdade e da adolescência começa por volta dos 15 anos. Este estágio é caracterizado pelo afeto, onde a criança passa por uma panóplia de conflitos internos e externos como refere Tran-Tong “O estágio de puberdade e da adolescência começa assim por uma alteração da fase; à preponderância das ações e das curiosidades viradas para o mundo exterior.” Nesta fase ocorrem modificações fisiológicas forçadas pelo amadurecimento sexual, provocando profundas transformações corporais acompanhada por desenvolvimento psíquico. O jovem adquire a posse da função reprodutora e a capacidade de exercitar a função sexual que se irá realizar ao longo do estágio da adolescência.

No comportamento exterior, a “ambivalência” manifesta-se pelas reações de vaidade, de sentimentos pelo desejo de atrair atenção do outro.

O jovem começa a interessar-se cada vez mais pelo desconhecido e pela novidade, por isso faz despoletar a curiosidade e as necessidades de conquista, de aventura e de independência. Une-se as jovens com os mesmos gostos e ideais. As suas escolhas perante os estudos começam a ser mais precisas e com um fim definido.

“Ao adolescente apenas lhe resta assegurar o equilíbrio entre possibilidades psíquicas ainda confusas e as realidades do amanhã. Continuam a ser necessários progressos no domínio do carácter e no das capacidades intelectuais. Mas está atingido o plano em que o desenvolvimento da pessoa e dos

conhecimentos se pode orientar segundo escolhas e fins definidos” (Tran –Tong, 1967, pp264)

Estas características levam-nos a dizer que o jovem está a sair da adolescência e a entrar no mundo e nos compromissos da idade adulto. Segundo Tran-Tong (1967, pp263) “É neste movimento de modificação geral, de retorno às origens que se opera a tomada de consciência de si, o que constitui o núcleo deste estágio e que marca a passagem ao estado adulto.”

2. Comportamentos Disruptivos

Segundo o manual DSM IV-TR, comportamentos disruptivos caracteriza-se por agressão, desobediência, rebeldia, dificuldade em manter a atenção e desconsideração por pessoas e bens. Os comportamentos disruptivos definem a obrigatoriedade de ser observado um padrão de comportamentos repetitivos e persistentes num período de tempo superior a 6 meses, observando a frequência e gravidade desses comportamentos, a idade da criança e o seu contexto de vida entre outros critérios.

Com base na pesquisa sobre os comportamentos disruptivos, verificamos que estes aparecem como uma forma de libertação de impulsos agressivos de modo abrandar as tensões e ansiedades. Este tipo de comportamento pode levar, a que, posteriormente, algumas crianças se comportem como antissociais ou se tornem delinquentes.

Segundo Nunes (2012), este tipo de comportamentos são observados por volta dos 12 meses de idade e estão associados ao termo birras. Não podemos esquecer que nesta idade as “birras” pertencem ao normal desenvolvimento da criança, pois é a forma mais fácil da criança conseguir comunicar com o adulto, os sentimentos de insatisfação ou de desilusão. Segundo Hall & Hall (2008) algumas crianças retêm estas birras ao longo dos 3 anos para se auto identificar. Agora quando estas se transformam numa constante e se torna desproporcional à situação que causa a birra, deixa de ser considerada uma birra normal e declaram “angústias perturbadoras do seu bem-estar” e a incapacidade para combater deceções.

De um modo geral as crianças que tentam expressar a sua frustração, mostram-na com movimentos bruscos e com um choro irritante. Esses movimentos vão desde bater, morder e pontapear, atacando, por vezes, outras crianças ou adultos.

Segundo Nunes (2012) “A principal razão para a falta de controlo emocional na criança, especialmente acima dos três ou quatro anos, é o facto de não ter aprendido a lidar com sua própria frustração, pois em circunstâncias normais, a criança, nesta idade, já aprendeu as “lições” necessárias de como lidar com a deceção havendo queda significativa neste tipo de manifestação de comportamento”

Refutando Nunes (2012), Veiga diz-nos que estes comportamentos começam a diminuir a partir dos 5- 6 anos pois grande parte dos estudos sobre o comportamento refere-se a crianças e a pré-adolescentes.

A tese defendida por Velez (2010), com base de dados na sua pesquisa refere que os comportamentos disruptivos apresentam-se em geral em sujeitos com o baixo nível socioeconómico. Tal como diz Campell, (citado por Lopes et al., 2006 p.59) “A disrupção tem sido aplicada de uma forma geral, a um conjunto de problemas ligados à impulsividade, hiperatividade e diversos comportamentos anti-sociais.”

Os comportamentos disruptivos são considerados como um verdadeiro problema no que diz respeito às normas escolares, prejudicando aprendizagem da criança.

“É importante perceber que não há soluções rápidas no que se refere ao controlo de comportamentos na sala de aula. Alguns alunos com problemas emocionais e comportamentais têm muitos anos de experiência a tentar controlar as salas de aula através da exibição de comportamentos disruptivos. Deste modo, ensinar alunos com Perturbações emocionais / comportamentais a respeitar as regras, controlar os seus comportamentos problemáticos, e desenvolve comportamentos pró-sociais, requererá muito tempo e esforço por parte do professor.” (Lopes et al. 2006, p.165)

Para que este tipo de comportamentos não sejam prejudiciais à criança, envolve um conjunto de medidas que devem fazer-se cumprir para que esta consiga ter um pouco de estabilidade social e emocional.

Quando 2 - Algumas medidas adotadas para este tipo de comportamento:

Medidas	Justificação
Estabelecer regras	É fundamental que os pais e educadores estabeleçam as regras juntamente com a criança, para que esta possa cumprir o plano estabelecido.
Proporcionar diferentes atividades	Quanto mais ocupada a criança estiver, melhor será o seu desempenho escolar, realizando atividades do seu interesse.
Estimular escolhas	Os pais ou educadores devem espicaçar a criança a realizar determinadas escolhas. É necessário que estas sintam que vale a pena lutar pelo que querem e acreditam.
Elogiar a criança	O elogio na altura certa faz bem ao ego e ajuda a criança a desenvolver um comportamento correto.
Comunicar com a criança	Explicar à criança que o comportamento que está a ter no momento não está a ser o mais correto. Esta comunicação é fundamental.
Pedir à criança que reflita sobre o seu comportamento	Após um comportamento disruptivo, pedir à criança que pense sobre esse comportamento, fazendo com que esta fale sobre o mesmo.

Fonte: Adaptado de <http://isabe.ionline.pt/conteudo/2819-lidar-com-comportamentos-disruptivos->

Estes comportamentos disruptivos estão associados a diferentes distúrbios. O distúrbio que mais se enquadrado no comportamento disruptivo é o Distúrbio de Oposição. Segundo Lopes (2006) este tipo de distúrbio é caracterizado por um padrão recorrente de comportamentos hostis e desafiadores e por uma oposição constante e

ativa, hostil ou desafiadora. Crianças com este tipo de distúrbio apresentam uma autoestima muito baixa, problemas ao nível escolar e dificuldades em relacionar-se com outras crianças. Segundo algumas investigações sobre este distúrbio indica-nos que há *deficit* ou mesmo a inexistência de regras e disciplina e sobretudo falta de acompanhamento ao nível parental.

2.1. Agressividade

Segundo Schaffer (2004) o conceito de agressão é vasto, pois envolve diferentes formas, o que se aplica a uma forma não se aplica à outra. Após algumas investigações feitas pelo autor, leva-nos a crer que as agressões não podem ser universais, porém tem diferentes trajetórias. Existem “crianças persistentes ao longo da vida” e “crianças limitadas à adolescência”. As primeiras mostram a sua agressividade não conseguindo ultrapassar os seus impulsos emocionais desde do início e nas crianças limitadas à adolescência a agressividade manifesta-se na infância tardia e na adolescência, situação provocada “por influências sociais temporárias, como a pressão dos amigos” (Schaffer, 2004, p 377).

MielniK (1977, p 149) refere que iremos encontrar diferentes tipos de agressão:

- O desejo de pegar em algo que está na posse de outra criança;
- A intromissão de algum amigo novo ou indesejável;
- O desejo de mandar nos outros;
- A discordância de pontos de vistas;
- Sem motivo aparente;

O impulso agressivo dispõe a libertação de uma certa energia física e mental. Torna-se necessário que esta energia agressiva seja gasta.

Segundo as investigações de Markey, Mielnik (1977, p. 151) salienta que “com a idade as agressões passam de puramente físicas a se interiorizar tornando-se menos concretas e mais verbais, manifestando-se os xingos e palavrões, tal como nos adultos”. Conforme vários autores é de referir que a agressividade é mais acentuada em meninos do que em meninas e como também já foi referido no item comportamentos disruptivos as crianças mais agressivas, normalmente, pertencem a um grupo económico-social baixo.

Na perspectiva de Mielnik quanto mais a criança for reprimida pelos seus atos, mais dificuldade esta terá em controlar a sua energia agressiva.

2.2 Impulsividade Motora vs Exploração motora

Segundo a tese defendida por Melo (2005) com base de dados na sua pesquisa, o termo Impulsividade Motora é caracterizado pela projeção de comportamentos repentinos, sem um julgamento prévio ou motivada pelo “energia” do momento. Alguns dos estudos que se realizaram sobre este tema aborda-o como um comportamento negativo, disfuncional independente do contexto ou do domínio humano.

“O movimento não intervém apenas no desenvolvimento psíquico da criança e nas suas relações com os outros; influencia também o seu comportamento habitual. É um factor importante no seu temperamento. Cada individuo tem uma compleição motora pessoal que depende das graduações variáveis das suas diferentes actividades musculares (Wallon, 1968, p. 81).

Wallon (1968, p. 166) defende que “os impulsos são actos de nível baixo, em que as motivações são mínimas. Parecem descargas motoras actuando por si mesmas (...) na criança não entram ainda em jogo mais que simples ejaculações motoras e vocais ou reacções que se assemelham aos gestos espontâneos de agressão e de defesa.”

Wallon (1968, p.166) sustenta que o motivo destes impulsos são insignificantes, pois refere que é “uma fuga aos controlos habituais do comportamento”.

A Exploração motora é um processo contínuo de mudança, no comportamento motor. Para entender este processo é preciso perceber a biologia da criança e as condições de ambiente. No decorrer da exploração motora a criança realiza diversas experiencias sensoriais motoras que facilitam a aquisição e a subtileza de padrões motores. São fortemente enriquecidas pela inconstante complicação do ambiente em que vive. Adquirindo inúmeras capacidades motoras, as quais continuam de

movimentos simples e desorganizados para a realização de habilidades motoras excessivamente organizadas e complexas. (Pillatti et al, 2011)

A partir do primeiro ano de vida, as possibilidades de movimento aumentam como o recurso à exploração. Este movimento precisa muito de ser trabalhado para que as crianças possam testar os seus limites, modificar os seus gestos e criar movimentos novos para que as dificuldades sejam ultrapassadas

IV. Enquadramento Metodológico

O trabalho de investigação que realizamos centrou-se numa criança com alguns comportamentos hostis para a sua idade.

Uma vez que esta criança se destacou do restante grupo pela presença deste tipo de comportamentos optamos pela aplicação do método de investigação: o Estudo de caso.

Sendo o Estudo de Caso uma abordagem metodológica que consiste na observação detalhada de vários aspetos de um fenómeno. Este baseia-se no “estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular para chegar a compreender a sua complexidade”. Segundo Yin, o pai do Estudo de Caso define este método como “uma investigação empírica que estuda um fenómeno contemporâneo dentro do contexto de vida real, especialmente quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são absolutamente evidentes” permitindo a compreensão do caso no seu todo. Este método tem como objeto de investigação, pesquisar o comportamento de uma criança pequena, que, por vezes, tem comportamentos incorretos dentro da sua faixa etária. As vantagens neste tipo de estudo são as respostas às perguntas “como” ou “porquê”, permite ao investigador a possibilidade de se concentrar num caso específico e de identificar os diversos processos interativos em curso. Como desvantagens este estudo pode provocar alterações no ambiente ou no comportamento das pessoas observadas, prende-se muito na explicação pessoal do investigador levando, por vezes, a uma visão distorcida do fenómeno.

Ao confrontarmos-nos com metodologia escolhida para o projeto e com a complexidade do mesmo, achamos pertinente fazer uma observação naturalista participante que consiste na observação sistemática do comportamento humano. Esta observação ocorre num ambiente natural (instituição), fazendo com que a observação comportamentalista seja o mais naturalista possível. Foi escolhida a observação naturalista participante para tentar perceber até que ponto o comportamento daquela criança iria ou não, ser influenciado com a presença do adulto. Neste tipo de observação o adulto pode integrar-se nas atividades e observar comportamentos, mas

esta participação não deve prejudicar a observação. Assim sendo os sujeitos observados não devem saber que estão a ser objeto de estudo.

As técnicas / instrumentos para recolha de dados foram duas grelhas de observação onde numa delas foram registadas todas as situações que levaram a tal comportamento (apêndice 1) e na outra as diferentes áreas de desenvolvimento que são alvo da observação e registo da educadora da sala (é registado o que a criança já adquiriu e o que está em aquisição tendo no fim uma nota de observação para que a educadora coloque a sua avaliação mais ao pormenor).

Atendendo às limitações para a realização deste trabalho e como estratégia optamos por utilizar o instrumento de *Avaliação do Desenvolvimento da Criança do 3 aos 10 anos*, de Sousa (2009) adaptado por nós para crianças dos 24 aos 36 meses, rentabilizando, assim, o tempo cronológico para realizar a nossa análise de dados. Para melhor clarificar esta avaliação remetemos para anexo 5 a Escala, bem como a folha de perfil (anexo 6). De salientar que para a análise apenas utilizamos alguns dos itens desta escala.

Aplicação deste instrumento de avaliação pressupõe um conjunto de provas que abordam o desenvolvimento da criança na sua dimensão: Biológico, Emocionais - Sentimentais, Gnósico-Mnésicas, Cognitiva – Criativa, Autonómicas, Socio - Relacionais e Psicomotor. Como em todas as avaliações existe uma escala, esta não é exceção. Os níveis de cotação deparam-se de 0 a 5, sendo o nível 5 muito bom, o 4 bom, 3 médio, 2 baixo, 1 muito baixo e 0 dificuldade e está assinalada com um círculo à volta do número correspondente. Esta cotação é feita numa folha de perfil de desenvolvimento (anexo 6), colocando uma cruz no lugar correspondente e verificando as características de perfil de desenvolvimento desta criança.

1. Caracterização da criança

A Criança observada é do sexo masculino, tem 29 meses e segundo Schaffer (2004), a faixa etária dos dois anos encontra-se no estágio pré-operatório que se caracteriza pelo início do pensamento simbólico. Aqui a criança começa a desenvolver algumas imagens mentais, apesar de nesta faixa etária necessitarem ainda da presença do objeto para depois procederem à abstração do mesmo (primeiro o concreto e só depois a abstração).

Outra das características primordiais desta idade é o egocentrismo, já que a criança tem dificuldade em se colocar no ponto de vista do outro. A criança de dois

anos está ainda a interiorizar o seu “eu”, sendo este o único que interessa. Esta criança, tal como as outros da mesma idade, também é egocêntrica, quer os brinquedos dos outros, mesmo que haja outros semelhantes, mas caso o amigo não ceda ele também não se zanga por não ter aquele brinquedo. Contudo tem reações que leva a magoar os outros. As suas brincadeiras são de certa forma “violentas”, fator de extrema importância para nos levar a fazer uma investigação muito cuidadosa.

Nesta idade o jogo simbólico começa também a “ganhar vida”. Esta criança tem tendência a utilizar alguns objetos, dando-lhe outra função, tendo por vezes atitudes menos próprias perante os outros. É capaz de lhes “danificar” a sua construção ou até de lhes tirar o brinquedo só por tirar, porque passado segundos já não quer aquele brinquedo procurando encontrar outro que satisfaça a sua brincadeira.

É uma criança que adquire muito bem novos vocábulos tem uma ótima capacidade de memorização e mostra interesse em tudo que se faz dentro ou fora da sala, mesmo que seja repetitivo. Tem uma boa fluência verbal e não costuma trocar os tempos verbais, mesmo quando canta uma canção ou quando conta uma história.

Ao nível da motricidade fina, esta criança come sozinho, tendo, por vezes necessidade de ajuda. Na expressão plástica tem uma certa dificuldade em pintar fazendo da pintura garatuja. É uma criança que se distrai facilmente quando estamos na área da expressão plástica.

Ao nível do desenvolvimento afectivo, é uma criança afetuosa com os amigos, gosta de sentir o afeto dos adultos, mas não é capaz de o demonstrar. Esta faixa etária caracteriza-se, ao nível social/afetivo por um “egoísmo” que se traduz nas suas brincadeiras, na sua forma de ser para consigo e para com os outros. Gosta de brincar com os amigos, é alegre, comunicativa, mas o que mais se evidencia é a seu comportamento agressivo perante os amigos.

A criança de dois anos tem bastante dificuldade em partilhar os materiais da sala e os seus brinquedos ou a atenção do adulto. Características que nesta criança não se evidenciam.

V. Análise e discussão de dados

Esta análise de dados foi organizada de uma forma, que através da ficha observação da educadora, juntamente com o instrumento de *Avaliação de desenvolvimento da criança dos 3 aos 10 anos* (Sousa, 2009), adaptado para a faixa etária em estudo, com os gráficos dos momentos de agressão, o tipo de agressão e o local das agressões pudésemos obter a justificação para tais comportamentos.

Como se pode verificar na grelha de observação comportamental (apêndice 1) realizada durante três meses e meio, esta criança teve comportamentos bruscos durante 14 dias e com diversos intervalos.

Esta criança aceita as regras e tenta incuti-las aos amigos. Como se verifica na ficha de observação feita pela educadora

	<i>A</i>	<i>E.D</i>
Age por iniciativa própria, levando a sua tarefa até ao fim		×
Aceita as regras e tenta incuti-las aos outros	×	

Fonte: Ficha de observação da Educadora (anexo 4)

Consegue estar atenta e participa nas atividades orientadas, mas quando se trata das semiorientadas é inconstante e tenta sempre dar atenção a outro tipo de trabalho. Como podemos constatar na observação feita aquando a aplicabilidade do instrumento de *Avaliação do Desenvolvimento da Criança dos 3 aos 10 anos* de Sousa (2009).

II.1- Vontade

2 - Inconstante; começa um trabalho para logo o largar e dar atenção a outra coisa;

Fonte: Avaliação do Desenvolvimento da Criança dos 3 aos 10 anos (anexo 5; desenvolvimento emocional -sentimental

Apesar de várias dúvidas e após a recolha de dados através da observação, do registo de comportamentos, verificamos que esta criança só se torna agressiva quando está em atividades livres como podemos constatar no gráfico 1, feito através dos dados retirados da grelha de observação comportamental (apêndice 1).



Gráfico 1: Momentos em que ocorre a agressividade

À luz do que foi observado esta criança teve alguns movimentos agressivos que se foram repetindo durante os 14 dias em que a sua energia estava no auge. Estes movimentos agressivos foram maioritariamente realizado dentro da sala, como nos indica o gráfico 2, embora a casa de banho fosse o local onde a impulsividade motora era mais agressiva.

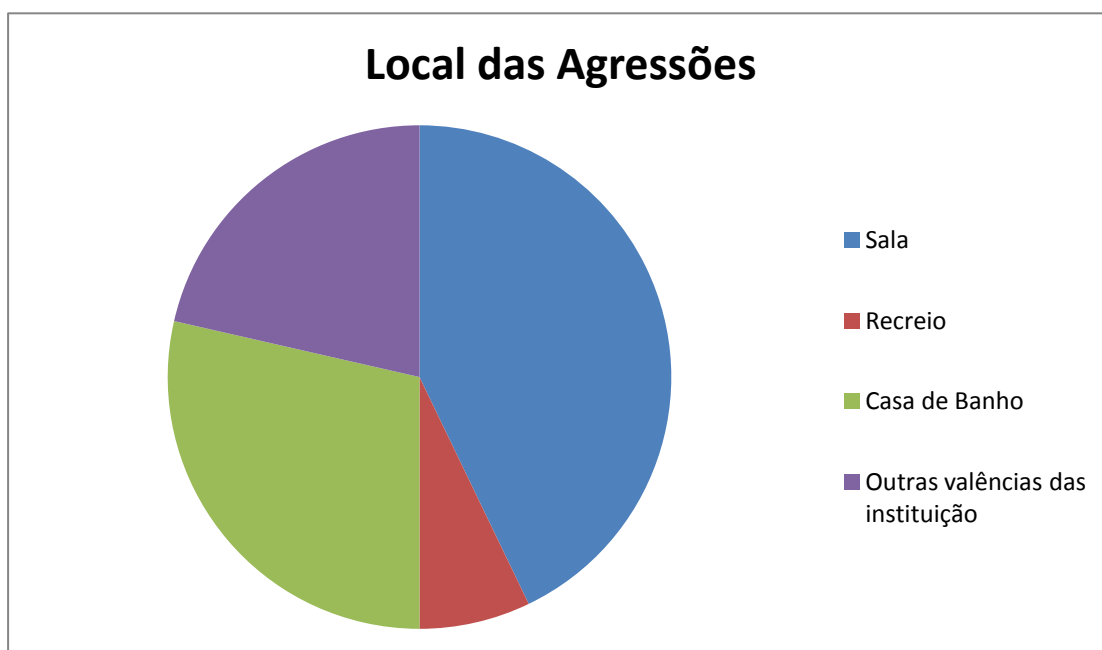


Gráfico 2: Local onde as agressões são mais frequentes

Como podemos constatar no gráfico 3, esta criança gosta de irritar os amigos tirando-lhes o que estes têm na mão, mas principalmente de os agredir “sem razão aparente” citando Mielnik (1977,p.149).

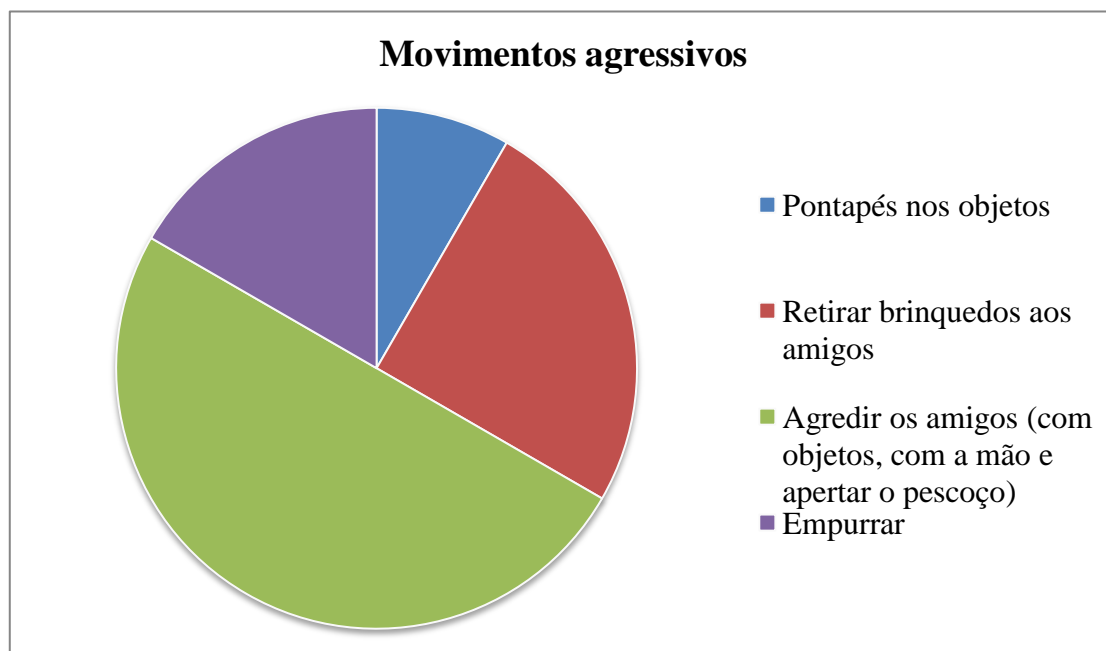


Gráfico 3 – Diferentes movimentos agressivos realizados pela criança

Os movimentos de bater, morder pontapear também são características dos comportamentos disruptivos, mas estes acontecem no momento em que a criança se sente frustrada e não consegue combater esse desapontamento.

Confrontando vários autores a agressividade é mais realçada nos meninos. Como já foi referido anteriormente, as crianças mais agressivas, normalmente, pertencem a um grupo económico-social baixo o que conferindo com os dados obtidos através da instituição (anexo3) isso não se verifica como podemos apurar no seguinte excerto da tabela realizada.

Criança X	24/07/2010	superior	disciplinado	relacionativa	disciplinado
-----------	------------	----------	--------------	---------------	--------------

Fonte: Própria – anexo 3

Como se pode verificar no perfil de desenvolvimento (anexo 6) da escala de avaliação do desenvolvimento da criança, esta em termos socio-relacionais tem uma

boa relação com os amigos e gosta de os ajudar no que necessitam embora por pouco tempo.

	Nível: 0	1	2	3	4	5
Desenvolvimento Sócio Relacional						
Relacionamento				X		
Cooperação				X		

Fonte: Avaliação do Desenvolvimento da Criança dos 24 aos 36 meses (Anexo 6: Folha de Perfil de desenvolvimento)

Devido ao facto de ser uma criança muito ativa e com muita energia desperta com que, na relação entre pares haja um desrespeito para com os amigos como menciona a educadora quando se refere ao relacionamento com os outros na área de Formação Pessoal e como podemos verificar no registo comportamental (apêndice 1) do dia 5 de maio de 2013.

“Passou a manhã a importunar os amigos. Na hora do recreio e depois da refeição, a criança X não foi brincar, por indicação do adulto. Durante o almoço puxou o vómito e fez com que os amigos tivessem o mesmo comportamento. Depois de parar o vómito o adulto pediu-lhe para comer de novo. Nesta altura as restantes crianças já tinham terminado o almoço, pelo que a criança X, almoçou só na presença do adulto.”

Proveniente de tanta energia podemos dizer que esta criança tem comportamentos resultantes de uma impulsividade motora, é caracterizada pela focalização de movimentos repentinos motivados pelo “calor” do momento (Melo 2005). Ao longo dos três meses e meio de observações esse “calor” do momento foi-se verificando, havendo situações mais penosas do que outras.

Confrontando com as teorias dos diversos autores aqui mencionados, podemos considerar que esta criança está a passar pelos estádios de Wallon e de Piaget de uma forma vigorosa e lenta. Consegue demarcar bem o estágio da impulsividade motora, com as suas reações perante os amigos e juntamente com esta mostra o seu egocentrismo não acentuado, mas a sua linguagem e o jogo simbólico bem definidos.

“O desenvolvimento social da criança é visto em função das mudanças na subcultura da sua idade, sendo que ela, nos diferentes estádios do seu desenvolvimento, “pensa” diferentemente sobre os eventos sociais, dada a sua adaptação às mudanças “exigida” Pelo ambiente social, parecendo assim verificar-se uma relação entre mudança cognitiva e mudança contextual, a qual influencia o seu desenvolvimento” (Higgins & Parsons, citado por Lopes et al. 2006, p.65)

Em conclusão desta análise e recolha de dados destacamos que esta criança tem algumas características dos comportamentos disruptivos, Apesar da sua agressividade perante os amigos, pensamos que o seu comportamento seja relacionado com a impulsividade motora. Contudo devido às suas atitudes agressivas leva-nos a supor que esta só pretende descarregar as suas energias e não sabe como fazê-las, a não ser de uma forma hostil.

VI. Conclusão

Aquando a proposta de um tema para este trabalho de investigação várias hipóteses foram surgindo, mas nenhuma delas nos entusiasmava. Começamos por fazer uma observação mais cuidada e reparamos naquela criança, que por vezes tinha reações agressivas com os colegas. Este tipo de comportamento mais agressivo alertou-nos para o facto de a criança estar a precisar de ajuda para combater esse tipo de comportamento. Foi então que achamos interessante fazer uma pequena pesquisa sobre tal comportamento.

Tendo como objetivo final a contribuição para a diminuição dos comportamentos disruptivos e dada a limitação do trabalho ficaria para uma realização futura encontrar a resposta ao último objetivo: Contribuir para a prevenção e para a diminuição de tais comportamentos. As respostas aos objetivos aos seguintes objetivos: Detetar com mais precisão e detalhe o comportamento da criança; Analisar em que tipo de atividades (atividade livre, orientada e semiorientada) a criança manifesta estes comportamentos; Encontrar, à luz de diferentes correntes teóricas, explicações que justifiquem a presença deste tipo de comportamentos; foram encontradas durante os três meses e meio de observações. Em suma esta criança tornava-se mais agressiva nas atividades livres, dentro da sala, embora a sua agressividade era mais acentuada nos locais exteriores à sala.

Através de uma pequena caracterização, tentámos perceber como era o comportamento desta criança com os amigos ao longo das atividades livres e orientadas. E como se pode verificar tanto no registo da educadora como no registo comportamental realizado por nós, esta criança, neste tipo de atividades, reage normalmente e até é capaz de ajudar os amigos a resolver alguma situação em que estes estejam mais aflitos. A criança X é amiga do seu amigo, tem interesse por tudo que lhe rodeia, tem uma ótima socialização com os amigos, mas não consegue compreender que estes não são “bonecos” e que não pode fazer e desfazer conforme lhe apetece.

“A criança já não procura só o uso mas a propriedade das coisas pelas quais espontaneamente não teria qualquer desejo. Este primeiro desejo de propriedade baseia-se num sentimento

de competição. Trata-se de se apropriar do que é reconhecido como pertencente aos outros. Pela violência, pela astúcia, pela mentira, a criança tenta transformar o teu em meu. Ela apenas está satisfeita na medida em que o rapto é flagrante, isto é, que implica uma diferenciação perfeitamente nítida do meu e teu.”
(Wallon, 1975, p.156)

Gosta de ser o primeiro em tudo e as suas brincadeiras num sítio só são de pouca durabilidade, pois a sua energia não deixa concentrar-se na presente brincadeira.

Foi com base nestes pequenos detalhes que decidimos utilizar o método de investigação Estudo de caso onde o objetivo foi estudar só aquela criança. Esse estudo foi feito através de uma observação participante naturalista. Esta observação ocorreu durante os três meses e meio e foi realizada com alguma dificuldade, pois uma vez que observávamos, também realizávamos atividades para o estágio e fazíamos a nossa função como funcionária da instituição. Aqui a nossa presença não teve qualquer influência no comportamento da criança pois já estava a habituada ver-nos na sala, não como estagiárias e observadoras de uma investigação, mas sim como funcionárias da instituição.

Aquando o registo de observação, que praticamente foi feito no final do dia ou na hora de descanso, os obstáculos foram sentidos. Para que o registo da observação fosse o mais autêntico possível, tivemos que apelar à nossa boa memória visual e selecionar aquilo que pretendíamos para o nosso registo. Por certo vários comportamentos ficaram por registar, pois não poderíamos esquecer que tínhamos mais doze crianças ao nosso cuidado e por vezes a nossa memória visual também falha. A desvantagem deste tipo observação é que prende-se muito na explicação pessoal do investigador levando, por vezes, a uma visão distorcida dos factos.

Outra das dificuldades sentidas na realização das observações foi tentar entender à luz das teorias desenvolvimentais o que deveríamos de observar em relação aos comportamentos, visto não termos prática o suficiente para o fazer. A dificuldade também foi sentida aquando a recolha de informação do contexto familiar da criança. Logo ajudava a compreender e a estudar melhor esta criança e teria enriquecido a investigação, mas por limitações de ordem prática (como tempo cronológico, a

disponibilidade horária dos familiares e por dados não obtidos por parte da instituição, no ato da inscrição) não podemos recolher.

À luz da corrente teórica podemos verificar que o comportamento desta criança não está associado ao termo “comportamentos disruptivos”, ela aceita as regras que lhe são impostas e respeita-as, fazendo com que os amigos também o façam. Em termos de aprendizagem é focado que as crianças com este tipo de comportamento têm um baixo nível de aprendizagem o que não acontece, o seu desenvolvimento cognitivo é fantástico. Estas são algumas das razões que nos faz crer que esta criança não sofre deste distúrbio comportamental: Comportamentos disruptivos.

Para que estes comportamentos não sejam logo rotulados numa criança ou adolescente devemos de verificar se as seguintes medidas são ou não bem aceites:

- Estabelecimento de regras
- Proporcionar diferentes atividades
- Estimular escolhas
- Elogiar a criança
- Comunicar com a criança
- Pedir à criança que reflita sobre o seu comportamento

Após o fim de uma longa pesquisa, da observação naturalista participante com recurso a diferentes técnicas de observação, como foi o caso da grelha de observação de comportamentos, da aplicação de um instrumento de avaliação do desenvolvimento das crianças dos 24 aos 36 meses e de uma observação final da educadora, apontamos referir que esta criança, devido aos seus momentos repentinos de agressividade e por tudo o que foi analisado na recolha de dados, apresenta índices de impulsividade motora.

VII. Reflexão sobre a prática Pedagógica

De acordo com o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro, o segundo ciclo de estudos em educação pré escolar é uma fase para obter o título profissional para a Docência em Pré-escolar. O grau de mestre que nos irá ser conferido desenvolve uma série de competências que permite uma intervenção direta com as crianças: através de planificações e avaliações do processo de ensino aprendizagem, também como e num perímetro mais alargado na gestão e administração escolar.

De uma forma global, o projeto de iniciação à prática profissional caracteriza-se por três canais essenciais: “ (i) uma forte ênfase na formação teórica, científica e de investigação; (ii) uma forte ênfase na focalização e intervenção educativa; (iii) uma forte ênfase para a construção de uma perspectiva multifacetada face aos conhecimentos, reflexão e intervenção, isto é, que tenda a favorecer a mobilização de diferentes modos de interrogação e abordagem dos fenómenos educativos, dos problemas, dos contextos e das situações educativas.” (in Plano Pedagógico da Unidade Curricular Práticas de Ensino Supervisionado – anexo 7).

O trabalho que fomos desenvolvendo ao longo desta prática trouxe-nos a capacidade de resolver e enfrentar diferentes tipos de conflitos. Através de um conhecimento científico ajudou-nos a enfrentar e reestruturar os problemas encontrados.

Após uma parte de formação mais teórica tivemos que passar para uma componente mais prática, onde se desenvolveu todos este processo, permitindo-nos assim, desenvolver uma postura de observação, investigação, intervenção e ação pedagógica.

O estágio profissional caracterizou-se pela experimentação e pela colocação em prática de toda a teoria apreendida e absorvida. É de referir que devido, a já serem conhecidos quer o espaço, quer toda a equipa de trabalho, bem como o grupo a que se destina, permitiu-nos ter um apoio base para esse estágio, facilitando a sua programação e planificação.

Assim e para este efeito, foram elaborados diversos objetivos que pudessem ser alcançados ao longo do decorrer no ano. Inicialmente, estes objetivos envolveram a integração no meio escolar e na escola em questão, conhecendo vários elementos sobre os mesmos, que permitisse um trabalho mais focado e junto das suas

necessidades. Para além destes, há que ter em conta vários outros objetivos como: a participação na planificação e organização de um projeto curricular de turma, que foi ao encontro das características do grupo e respetiva faixa etária; a organização de todo o trabalho escrito (dossier de estágio), onde se inclui o registo semanal e as planificações diárias; a capacidade de participar em todo o processo educativo; aplicar os conhecimentos obtidos na realização de experiências e atividades educativas que permitiram e fomentaram o desenvolvimento global do grupo; a forma de participar e interagir com terceiros (famílias); ter um comportamento ético e correto com toda a população escolar. Em relação a estes objetivos é de referir que nos causou mais dificuldade foi todo o trabalho escrito (elaboração do dossier de estágio), ao qual houve uma habituação progressiva ao mesmo, questionando sempre que possível e trabalhando para que houvesse progressos e que estes fossem alcançados.

Tentamos sempre procurar e investigar para que pudéssemos chegar a um trabalho mais objetivo, que permitisse uma melhor avaliação do trabalho desempenhado, que houvesse uma melhoria e uma sequência nesse mesmo trabalho realizado.

Devido a este desenrolar de todo o trabalho e após a planificação do Projeto Curricular de Escola e do Projeto Curricular de Turma, os quais foram a base da planificação das atividades educacionais, foram realizadas várias atividades que decorreram ao longo do ano. Estas tiveram ainda em conta as diversas áreas de conteúdo e respetivos domínios, explorando-as para que todos pudessem participar em pequeno e grande grupo ou de forma individual. Para isso, utilizamos diversas estratégias e técnicas, com o auxílio a diversos recursos materiais (reciclados, da própria instituição, elaborados pelo adulto ou ainda realizados pelas crianças), facilitadores da aprendizagem, sendo antecipadas por uma motivação que cativasse a atenção das crianças e as guiasse para o tema a abordar. Algumas destas atividades, como já foi referido, foram vocacionadas para o Projeto Curricular de Turma, mas outras também tiveram em conta a época do ano e a época festiva em que nos encontrávamos.

Denotamos nesta planificação e realização das atividades um especial gosto pelas atividades relacionadas com os domínios da Expressão Musical e da Expressão Plástica, já que havia um à vontade. Pelo contrário, as atividades relacionadas com o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita, mais vocacionadas para a

linguagem oral foram as que nos causaram alguma dificuldade ou, pelo menos, havia o receio de estarmos a utilizar uma linguagem que não fosse adequada e simples para o grupo, nomeadamente, no que diz respeito ao uso de algumas palavras “difíceis” mas que eram logo explicadas e simplificadas.

De forma atingir os objetivos propostos na prática profissional, utilizamos diversas atividades como se encontram no seguinte cronograma.

Quadro 3 – Cronograma das atividades realizadas no período de estágio

Data das Atividades	Atividades Desenvolvidas	Materiais Produzidos	Atividades / Projeto	Observações
1/10/2012	Exploração de imagens: “ Os frutos do Outono”			
	História “A folha Bailarina”			
2/10/2012	Experiência sensorial: “ Os frutos do Outono”		Atividade relacionada com o projeto da sala “Os cinco sentidos”	
8/10/2012	Introdução e Exploração do Quadro das Presenças	Material feito em cartão		
	História: “Vasco e um dia de Vento”			
9/10/2012	Realização da Pasta de Farinha da cor Azul			
15/10/2012	Canção “A Roda dos Alimentos”			

	História: “O Tomás já não cabe nos calções”			O livro foi impresso e colocado no canto da biblioteca
16/10/2012	Culinária “Bolo às três Pancadas”			
	Expressão Plástica: Registo da culinária “Bolo às três Pancadas”			O registo ficou exposto no canto da cozinha
22/10/2012	Iniciação ao Jogo de sobreposição “Roda dos alimentos”			
23/10/2012	Dança de roda “Ora Bate Padeirinha”		Atividade relacionada com o projeto da sala “Os cinco sentidos”	
	História: “A Galinha Ruiva”			
29/10/2012	Jogo de atenção visual sobre o “Halloween” – O que falta?			
	História: “A Bruxa Mimi”			
30/10/2012	Canção:” Dia das bruxas”			

	Pintura de um morcego com as raspas do lápis de cera.			
5/11/2012	Jogo de atenção auditiva “ Os animais”		Atividade relacionada com o projeto da sala “Os cinco sentidos”	
	História: A lenda de S. Martinho			Teve apoio de acessório de multimédia
6/11/2012	Dramatização: “História da Maria Castanha”			Realizado com as educadoras da instituição
	Pintura e colagem das castanhas no assador			A pintura do assador foi realizada com carvão vegetal
12/11/2012	Canção: “As cores”			
	Digitinta ao som de música calma			
	História: “O dia em que as cores do arco-íris se zangaram...”			O livro foi adaptado e impresso para ser colocado na área da biblioteca
13/11/2012	Iniciação à Matemática – “As cores”			
19/011/2012	Jogo de encaixe			

	sobre os animais: “O que comem os animais”			
	História: “Os músicos de Bremen”			
20/11/2012	Jogo áudio - motor “Catarina e o Urso”			
26/11/2012	Poesia sobre os 5 sentidos		Atividade relacionada com o projeto da sala “Os cinco sentidos”	
	Iniciação à história “A Visão”			
27/11/2012	Jogo de esquema corporal “cabeça, ombro, joelho e pé”			
03/12/2012	Introdução ao quadro do Avento			
	“Dá-me Apenas uma Hora”			
04/12/2012	Introdução à árvore de Natal	Estrutura da árvore feita em tubos de eletricitista e isolada com fita isoladora verde		
	Construção do Postal de Natal			
10/12/2012	Canção “Pinheirinho”			
	Construção dos			

	enfeites para a árvore de Natal			
11/12/2012	Construção do presépio	As figuras do presépio forem feitas com material reciclado		
11/12/2012	Jogo de sobreposição sobre o “Natal”	Construção da base em cartão e peças impressas em papel e plastificadas		
07/01/2013	Canção apelativa ao dia de Reis (As Janeiras)			
	Construção da coroa dos reis	Construção da coroa em cartolina e decorado ao gosto das crianças		
08/01/2013	Cantar as Janeiras pelas redondezas da Instituição			Como estava mau tempo esta atividade foi feita pelas salas da instituição
14/01/2013	Poesia desenhada sobre o Inverno			
	História: “Um Boneco de Neve”			A história foi contada através de um meio

				informático
15/01/2013	Jogo de Atenção de Memória Visual sobre o “Inverno”	A base das peças do jogo construídas em cartão		
04/03/2013	Dominó dos animais			
05/03/2013	Jogo de Socialização “Meninos / Meninas”			
	Adivinhas			
06/03/2013	Iniciação à matemática “qual a cor dos blocos lógicos?”			
	História da Quadradinha			
11/03/2013	Canção Desenhada “Formas Geométricas”			
	Expressão Plástica: Realização do postal do Dia do Pai			
12/03/2013	Jogo de encaixe por sobreposição “Formas Geométricas”	Tanto a base como as peças foram construídas em cartão		
13/03/2013	Exploração de		Aqui surgiu o	

	Imagens – Os meios de Transporte		tema para o projeto novo da sala “Os meios de Transporte”	
13/03/2013	Expressão Plástica: Realização da prenda para o dia do Pai			
14/03/2013	Dança rítmica “ O Barquinho”		Atividade relacionada com o projeto “Os meios de transporte”	
18/03/2013	Poema do Dia do Pai			
19/03/2013	História: “O meu Pai”			
20/03/2013	Jogo de Imitação – “O que uso para comer?”			
25/03/2013	Introdução ao canto dos meios de transporte		Atividade relacionada com o projeto “Os meios de transporte	
	Adivinha – “O carro”			
26/03/2013	Puzzle sobre a	Tanto a base		

	páscoa	como as peças foram feitas em cartão		
27/03/2013	Realização do coelho da Páscoa	Coelhos feitos com material reciclado		
02/04/2013	Canção dos meios de transporte (carro)		Atividade relacionada com o projeto “Os meios de transporte	
	Introdução ao plano vertical da Primavera	Árvore da primavera feita em cartolina e decorada com papel crepe		
08/04/2013	Iniciação à Matemática – “Fino Grosso			
09/04/2013	Puzzle do carro do Noddy	Base e peças feitas em cartão	Atividade relacionada com o projeto “Os meios de transporte”	
	Plano Vertical da Primavera- realização da relva			
10/04/2013	Jogo de Atenção Auditiva “Os meios de		Atividade relacionada com o projeto	

	transporte terrestres”		“Os meios de transporte”	
11/04/2013	Dança de roda “Indo eu, Indo eu a Caminho de Viseu”		Atividade relacionada com o projeto de sala “Os cinco sentidos”	
11/04/2013	Adivinha desenhada “O Comboio”		Atividade relacionada com o projeto “Os meios de transporte”	
15/04/2013	Exploração de imagens dos meios de transporte aéreos	Base e peças feitas em cartão		
	Iniciação à Matemática “Qual a cor do Balão?”			
16/04/2013	Jogo de Imitação: Introdução ao carrinho e cadeira do bebé			
17/04/201	Canção: Avião		Atividade relacionada com o projeto “Os meios de transporte”	
18/04/2013	Percurso: “Vamos arrumar os meios de transportes”			
	Jogo de Sobreposição dos transportes Aéreos	Base e peças feitas em cartão		
22/04/2013	Puzzle da			

	Primavera			
23/04/2013	Lengalenga do Quadrado			
24/04/2013	Expressão Plástica: Postal do Dia da Mãe			
29/04/2013	Dança de Roda “Oh! Rosa arredonda a saia”		Atividade relacionada com o projeto de sala “Os cinco sentidos”	
30/04/2013	Expressão Plástica: Prenda do Dia da Mãe			
09/05/2013	Dominó sobre os meios de transporte			
	Expressão Plástica: realização de uma flor	Flor feita com material reciclado: jornais, revistas e cápsulas de café		
10/05/2013	Ginástica			
13/05/2013	Introdução do triângulo – Exploração de imagens			
14/05/2013	Dança Rítmica “Bate as mãos”		Atividade relacionada com o projeto de sala “Os	
	Exploração sensorial – “O que			

	está no saco”		cinco sentidos”	
15/15/2013	História “O rato da Cidade e o Rato do Campo”			
20/05/2013	Introdução do rectângulo – Adivinha			
21/05/2013	Jogo rítmico		Atividade relacionada com o projeto de sala “Os cinco sentidos	
22/05/2013	Construção do carro em 3D		Atividade relacionada com o projeto “Os meios de transporte”	
27/05/2013	Canção sobre a Primavera			
28/05/2013	Poesia do dia Mundial da Criança			
29/05/2013	Culinária: Queques de Chocolate”			
	Registo da Culinária “Queques de Chocolate”			O registo ficou exposto no canto da cozinha

Fonte: Própria

Para além do que já foi referido, durante o estágio vários pontos, foram trabalhados e avaliados merecendo uma análise e a respetiva reflexão. Os pontos foram:

I. Conceção e Desenvolvimento do Currículo

1. Organização do ambiente Educativo;

1.1. Organização e colaboração para o enriquecimento do espaço e materiais e mobilização Recursos;

1.2. Organização do tempo de forma flexível e diversificada – rotina e gestão de ruído nessa mesma rotina;

1.3. Criação e manutenção de condição beleza estética, de segurança, de acompanhamento e de bem-estar das crianças;

2. Dossier de Iniciação à prática profissional

7.1. Projeto Curricular de Turma;

7.2. Planificações e materiais de apoio à intervenção;

3. Relação e ação educativa

a. Relação com as crianças de modo a favorecer segurança afetiva e a promover autonomia (individual e em grupo);

b. Promoção do envolvimento de cada criança nas atividades, nos projetos, nas atividades... em outros momentos da rotina;

c. Relação com a equipa do centro e da sala;

d. Relação com as famílias;

e. Promoção do desenvolvimento afetivo, moral, cognitivo e social da criança e do grupo;

VIII. Integração do Currículo

2. Promoção e desenvolvimento de um currículo integrado Áreas e Domínios Forte e Áreas e Domínios Fracos

IX. Questão de ordem geral

3. Pontualidade

a. Pessoal

b. Trabalho

A organização do espaço educativo foi um ponto fulcral no desenvolvimento e no envolvimento de todo o grupo. Foi aqui que passamos a maior parte do tempo. Este deve ser apelativo, cuidado, organizado e que todos se consigam adaptar ao mesmo, usufruindo-o de uma forma mais autónoma possível (esta autonomia foi constantemente trabalhada e o grupo executava as tarefas apenas com a supervisão do adulto). Assim, ao longo de todo o ano, houve o cuidado de organização e manutenção de todo o espaço e respetivos materiais, levando a que o grupo tivesse esse cuidado, inculcando-lhes a arrumação e preservação de todos os materiais. Para além disso, o grupo participava na construção e elaboração de vários materiais/trabalhos que foram decorando a sala (como, por exemplo, as borboletas e flores que foram expostas no placard decorativo das estações do ano). O grupo gostava do que via e sabiam que não os podiam danificar, era fruto do seu trabalho e teriam que o valorizar.

Esse gosto e cuidado foi também tido em conta, na construção, planificação e colocação em prática do projeto final dos “Meios de Transporte”. Após uma observação mais detalhada fomos nos apercebendo, nas suas brincadeiras, que as crianças gostavam muito dos meios de transporte, principalmente dos carros. Optando então por fazer desta temática o projeto final. Este tema foi trabalhado com a participação das crianças na construção do novo canto (com materiais para o plano vertical e para o próprio canto) e na concretização do mesmo. Como concretização do projeto as crianças participaram na construção de um carro 3D (anexo 8).

O espaço educativo necessitou de um enriquecimento constante ao longo do ano, motivando o grupo e tornando-se cada vez mais apelativo. Este enriquecimento decorreu não só na introdução de materiais decorrentes das atividades realizadas, mas também na decoração do espaço de acordo com a estação do ano que se estava a viver ou com a época festiva que se aproximava.

Outro item muito importante é a rotina e a gestão do tempo educativo, bem como a sua interiorização por parte de todos os agentes educativos, esta permite uma melhor integração na escola e a tudo o que ela envolve. Assim, a rotina que foi estabelecida teve em conta não só o grupo e suas características (faixa etária, autonomia, etc.), mas também a disponibilidade de espaços comuns em determinadas horas (seja nas horas de refeições, seja na realização de algumas atividades orientadas ou nas livres, que se realizassem no refeitório ou no recreio exterior). Assim, optamos

por definir as horas de higiene, descanso e refeições, ficando da responsabilidade do adulto presente na sala a gestão das horas de atividades orientadas e livres e do recreio. Aqui houve o cuidado de, ao longo do ano, ir aumentando o tempo de duração das atividades (até porque o grupo assim o permitia e queria), variando o espaço onde estas se realizavam. Para além disso, havia uma flexibilização na organização e realização das mesmas, tendo em conta os interesses e gostos do grupo. Isso também acontecia quando as atividades envolviam a comunidade escolar, nomeadamente as outras salas. Havia o cuidado de gerir o tempo para que todos estivessem predispostos para a realização da atividade tentando não “quebrar” muito a rotina de todos os grupos.

Por tudo o que já foi referido em relação ao grupo, foi notória a boa relação entre nós e o mesmo, até porque já nos conhecíamos muito bem (devido ao trabalho realizado em anos anteriores com esse mesmo grupo). Todas as crianças procuravam-nos sempre que precisaram, tendo-nos como o seu ponto de referência, evidenciando uma boa cumplicidade. Para além disso, sabiam logo o que nós pretendíamos deles e como o trabalho deveria ser realizado (sabiam que havia horas para tudo: para brincar, para trabalhar, etc.), moldando o nosso comportamento para cada situação. Os objetivos definidos para o desenvolvimento do grupo foram sendo alcançados ao longo do tempo, com mais ou menos dificuldade. Mesmo as crianças que entraram no grupo que já estava formado, foram acarinhadas pelo adulto e pelas próprias crianças, conseguindo acompanhar o trabalho que já vinha sendo realizado e integrando-se muito bem.

Como a instituição é pequena não existe razão para que não houvesse uma boa relação de cooperação, entreajuda e partilha. Com as famílias, isso também existiu, nós conhecemos bem os pais e vice-versa, existindo uma boa interação. Mesmo sendo difícil haver uma relação diária, devido aos nossos horários na instituição, mas sempre que necessário, estes procuravam-nos e nós a eles, colmatando esta pequena lacuna.

Ao longo de todo o estágio fomos realizando um dossier que permitiu não só, o registo e planificação do trabalho realizado, mas também foi visível e notório a evolução que houve em todo o trabalho escrito. Admitimos que ao início houve alguma dificuldade em perceber e realizar o trabalho escrito, havendo um período de

adaptação ao mesmo, tendo ainda que o coordenar com o decorrer do horário de trabalho e de aulas. Como os registos que eram feitos primeiro diariamente e depois semanalmente, permitiram-nos refletir sobre a maneira de estar, de trabalhar e o que tínhamos que melhorar, as dificuldades sentidas e as evoluções. Tivemos sempre o cuidado destes serem realizados atempadamente, estando todo o trabalho escrito sempre em dia.

Chegando ao final do estágio e refletindo sobre tudo o que foi realizado, podemos dizer que houve uma grande evolução e aprendizagem, que deverá continuar futuramente e que será ainda mais valorizado com a realização formações complementares que sejam pertinentes. Para além disso, o facto de podermos contar com o apoio da equipa de trabalho permitiu-nos uma melhor valorização e desempenho, levando a um bom desenvolvimento das crianças e ao alcance de tudo estava inicialmente proposto.

Reflexão Crítica Final

Este trabalho chega ao fim com um enorme sentimento de cumplicidade e com uma enorme certeza que ao longo deste ano fomos crescendo ao nível pessoal, sentimental e principalmente ao nível pedagógico. Ficamos com um olhar atento para tudo que nos rodeia, desde a coisa mais insignificante até um problema de enorme dimensão.

Começamos este trabalho com enormes dificuldades, pois nenhum tema nos surgia, nada nos parecia relevante para levantar uma problemática, pois para nós tudo era normal. Isto deveu-se ao facto de sermos funcionárias da instituição e tratar dos problemas de uma forma tão “banal” que deixavam de ser problema. Foi então que aquela criança conseguiu obter da nossa parte uma atenção especial, fazendo com isso a nossa problemática.

O trabalho que foi realizado ao longo do ano com esta e com as outras crianças foi um trabalho muito enriquecedor, fizemos imensos progressos e todos os dias batalhávamos para que fossemos crescendo.

O trabalho realizado em tempo de estágio foi árduo e trabalhoso. O receio foi sentido aquando a elaboração de uma reflexão final, após cada dia de estágio efetuado. Não sabíamos o que escrever, as raízes nesta instituição são tao longas que tudo que achávamos normal e que para nós não era novidade, era aquilo que teríamos de escrever. A nossa sorte foi a educadora que nestes momentos em que precisávamos de fazer a reflexão ia-nos dando “dicas” tendo sido ai que fomos aprendendo a refletir e a tirar as nossas conclusões. Aprendemos que todos os dias existe sempre uma novidade, por mais insignificante, pois se para a criança é algo novo para nós também o será, tirando sempre partido disso.

Este trabalho escrito foi muito importante, pois conseguimos crescer e perceber o quanto é importante atenção que damos às crianças. Por vezes um pequeno sinal é um alerta que algo não está bem e somos nós, como futuras Educadoras, que devemos alertar os pais. Porque por mais incrível que pareça as crianças passam mais tempo connosco do que com os progenitores e por isso conseguimos detetar mais facilmente algo pode não estar bem.

Terminado este trabalho podemos concluir que tornou-se um trabalho de grande importância, enriqueceu a forma de visualizar o mundo e aproximou-nos cada vez mais de diferentes correntes teóricas.

Após tudo o que foi escrito, de uma coisa ficamos com a certeza que a profissão de Educador é muito gratificante. Só consegue ser Educador quem é capaz de se colocar ao nível delas para as tentar perceber.

“Ser educador é ser artista, malabarista,

pintor, escultor, doutor,

musicólogo, psicólogo...

É ser mãe, pai, irmã, avó.

É ser palhaço, bagaço...

É ser ciência e paciência...

É ser informação.

É ser ação, ser bússola, é ser farol.

É ser luz, é ser sol.

Ser educador é um vício ou vocação? É outra coisa...

É ter nas mãos o mundo de amanhã.

Amanhã. As crianças vão-se...

E ele, o mestre, de mãos vazias, fica com o coração partido.

Recebe novas crianças, novos olhinhos ávidos de cultura.

E ele, o educador, vai despejando com toda a ternura, o saber, a orientação. Nas

cabecinhas novas que amanhã

reluzirão no firmamento da pátria.

Fica a saudade... A amizade.”

(Adaptado de <http://partilhar.wordpress.com/2008/03/13/ser-professor/>)

Cronograma

Este cronograma serve para nos orientar ao longo do projeto a desenvolver. Não é um cronograma fixo, consoante a investigação feita poderá ter que se fazer alguns ajustes no tempo pré-definido para cada etapa. É o cronograma suscetível de mudança.

Etapas Tempo	setembro	outubro	novembro	dezembro	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro
Definição do tema													
Pesquisa de documentação													
Recolha de dados													
Observação													
Análises dos dados													
Redação final													

Bibliografia

American Psychiatric Association (2000). *DSM – IV – TR Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. 4ª Edição. Climepsi Editores.

Araújo, C. Pinto, F. Lopes, J. Nogueira, L. Pinto, R. (2008). *Estudo de caso: Mestrado em Educação Área de Especialização em Tecnologia Educativa*. Consultado a 18/12/2012, disponível em http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf

Autor desconhecido. (s.d.) *Lidar com comportamentos disruptivos*. Consultado a 25/08/2012, disponível em <http://isabe.ionline.pt/conteudo/2819-lidar-com-comportamentos-disruptivos>.

Autor desconhecido. (2010). *Teoria do desenvolvimento Humano*. Consultado em 12/02/2013, disponível em <http://oceanusacademico.blogspot.pt/2010/05/teoria-do-desenvolvimento-humano-de.html>.

Autor desconhecido. (2008). *Ser Professor*. Consultado a 19/09/2013, disponível em <http://partilhar.wordpress.com/2008/03/13/ser-professor>.

Barbosa, J. (2010). *Desenvolvimento Cognitivo 1*. Consultado em 29/06/2013, disponível em <http://www.slideshare.net/jbarbo00/piaget-desenvolvimento-cognitivo>.

Bogdan. R.,& Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Borges, M. I. P. (1987). *Introdução à Psicologia do Desenvolvimento*. Porto; Edições Jornal da Psicologia.

Cariço, J. Costa, J. Martins, M. Garcia, P. (2008). *Estudo de caso*. Consultado a 24/11/2012, disponível em: <http://www.slideshare.net/calaisgarcia/o-estudo-de-caso#btnNext>.

Carvalho, S. P. (2006). *Crescimento da Criança segundo Piaget*. Consultado a 06/08/2013, disponível em

http://www.notapositiva.com/trab_estudantes/trab_estudantes/psicologia/psicologia_trabalhos/cresccriancapiaget.htm.

Dongo, A. O. (2006). *Pensamento e linguagem: percurso piagetiano de investigação*. Consultado a 15/12/2012, disponível em: Montoya<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a14.pdf> .

Gleitman, H. Fridlund, A. J. Reisberg, D. (2003). *Psicologia – 6º Edição* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gonçalves, J. (2010). *Observação*. Consultado 26/11/2012, disponível em <http://wiki.ua.sapo.pt/wiki/Observa%C3%A7%C3%A3o>

Hall, P.S. & Hall, N.D. (2008). *Educar crianças com problemas de comportamento*. Porto: Porto Editora

Lage, G. (2010). *Associação entre impulsividade e controle motor*. Belo Horizonte: G. Lage. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Neurociência do Instituto de Ciências Biológica da UFMG.

Lopes, J., Rutherford, R., Cruz, M., Mathur, S., Quinn, M. (2006). *Competências Sociais: aspectos comportamentais, emocionais e de aprendizagem*. Braga: Psiquilibrios.

Meirinhos, M., e Osório, A. (2010). *O estudo de caso como estratégia de investigação em educação*. Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação. EDUSER: revista de educação, Vol 2(2),Inovação, Investigação em Educação.

Melo, A. (2005). *Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança*. Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Psicologia da Universidade do Minho.

Mielnik, I. (1977). *O Comportamento Infantil – técnica e métodos para entender crianças*. São Paulo: Ibrasa

Nunes, F,. (2012). *Wallon - aula de psicologia*. Consultado 19/12/2012, disponível em <http://www.slideshare.net/MFatimaMNunes/slides-wallon-aula-psicologia>.

Nunes, P. S. (2012). *Comportamentos disruptivos - O agir infantil*. Consultado a 03/08/2013, disponível em <http://patriciasegurado.blogspot.pt/2012/04/comportamentos-disruptivos-o-agir.html>.

Quivy,R., & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Papalia, D, E., & Olds, S, W. (1998). *Desenvolvimento humano*. Artmed: Editora.

Pillatti, I. Hass, T. Sachetti, A. Fontana, C. Oliveira, S. Schiavinato, J. (2011). *Oportunidades para o desenvolvimento motor infantil em ambientes domésticos*. Revista Brasileira de ciências da Saúde, ano 9, nº27, p. 22 – 27.

Schaffer. H. R. (2004). *Introdução à Psicologia da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

Silva, G., Azeredo, J., Pinto, V. (2005/06). *Análise de um estudo de caso*.

Sousa, A. B. (2009). *Avaliação do Desenvolvimento da Criança dos 3 aos 10 anos*. Lisboa: Livros Horizonte

Stommmen, E. A. (1986). *Psicologia do desenvolvimento – A criança em idade escolar*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

Tran-Tong. (1967). *Estádios e conceitos de estágio de desenvolvimento da criança na psicologia contemporânea*. Porto: Edições de Afrontamento.

Velez, M.F.P. (2010). *Indisciplina e violência na escola: factores de risco – um Estudo com alunos do 8º e 10º anos de escolaridade*. Lisboa: Velez. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Viega, F. (1992). *Disrupção escolar dos jovens em função da idade e do autoconceito*. Revista de Educação, vol. 2. Departamento de Educação da F.C. da U.L.

Wallon, H. (1968). *A Evolução Psicológica da Criança*. Lisboa: Edições 70.

Wallon, H. (1975). *Psicologia e Educação da Infância*. Lisboa: Editorial Estampa.

Apêndices

APÊNDICE 1: Grelha de Observação

NOME: Criança X

DATA DE NASCIMENTO:24/07/2010

DATA	OBSERVAÇÃO DE COMPORTAMENTO
06/02/2013	Na sala, na área dos jogos a criança X empilhou várias caixas e colocou-se aos pontapés às mesmas
14/02/2013	Na área da casinha e sem a criança X estar lá brincar, esta dirigiu-se a esta área retirou o brinquedo ao amigo, mas depressa largou o brinquedo pois reparou que aquela atitude não teve reações perante o amigo
05/03/2013	No momento da higiene e estando todas as crianças sentadas na casa de banho, a criança X levantou a mão e deu um estalo à amiga que estava ao seu lado.
07/03/2013	No momento em que estávamos a descer as escadas para irmos almoçar a criança X empurrou o amigo, tentando tirar-lhe o lugar para que este fosse o primeiro
27/03/2013	Na sala, na área da cozinha, a criança X agarrou nos pratos e deu com eles na cabeça de um amigo
28/03/2013	Sentados no chão da casa de banho, a criança X sentou-se em cima das pernas de um amigo, fazendo força para que este não se conseguisse levantar.
12/04/2013	Na hora de higiene, antes de entrarmos para a sala, a criança X apertou o pescoço da amiga que estava ao seu lado sem que esta lhe fizesse algo
15/04/2013	Na hora da higiene para o almoço, quando algumas crianças, incluindo a

	criança X, estavam sentadas no corredor à espera do resto dos amigos, a criança em questão começou por agredir o colega que estava sentado no local onde esta criança se queria sentar.
29/04/2013	De manhã, no momento em que as crianças estão à espera que as educadoras das restantes salas chegam, as crianças ficam no refeitório, a criança X enquanto esperava deu uma bofetada à amiga que estava ao seu lado.
30/04/2013	Na sala, no canto da biblioteca, criança X agarrou num amigo e atirou-o para o chão fazendo-lhe uma rasteira.
02/05/2013	No recreio, depois do almoço, a criança X passou o tempo a tentar tirar os brinquedos aos amigos.
05/05/2013	Passou a manhã a importunar os amigos. Na hora do recreio e depois da refeição, a criança X não foi brincar, por indicação do adulto. Durante o almoço puxou o vómito e fez com que os amigos tivessem o mesmo comportamento. Depois de parar o vómito o adulto pediu-lhe para comer de novo. Nesta altura as restantes crianças já tinham terminado o almoço, pelo que a criança X, almoçou só na presença do adulto.
10/05/2013	Ao final do dia, mesmo antes de sair e nas atividades livres, a criança X meteu-se com os amigos, tirando-lhes os brinquedos e até agarra-los para que estes não brincassem.
13/05/2013	No dia anterior a criança X esteve doente e faltou. Começou o dia por bater a uma amiga que estava ao seu lado, sem que esta tivesse feito nada para o incomodar. Quando questionado por que razão bateu na amiga a resposta foi “Porque o adulto não me estava a ver!”

Anexos

ANEXO 1: Regulamento Interno da Instituição

1. Actividades pedagógicas e valências

Berçário / Creche / Pré-escolar / Salas de Estudo orientado para 1.º e 2.º Ciclos, Explicações individuais para restantes ciclos.

2. Funcionamento

A _____ está aberta os 12 meses do ano de 2.ª a 6.ª feira (outros dias em situações especiais)

- Encerra nos feriados nacionais e no feriado municipal
- Encerra nos dias 24 e 31 de Dezembro às 13h. e nos cinco últimos dias úteis Agosto para remodelação, limpeza geral, desinfeção e desinfectação obrigatória por lei, (durante este mês não se efectuam prolongamentos, sendo portanto o horário diário de encerramento às 18.30h), .
- Durante as interrupções lectivas e férias escolares há acompanhamento para todas as crianças
- As reinscrições serão feitas no mês de MAIO
- As inscrições estarão abertas todo o ano.

3. Horarios

- Horário do estabelecimento: 7h30m às 24h
- Horário lectivo: 9h às 17:00h
- Horário sem alargamento: 8h30m às 18h30m
- Alargamento de horário: 7h30m às 8h30m e 18h30m às 24h
- Secretaria: 9h às 12h30m e 14h às 18h
- PARAGEM PARA ALMOÇO
- Creche: 11h30m às 12h30m
- Pré-escolar: 11h30m às 12h30m
- ATL 12H15m às 13h30m

4. Documentos Necessários no acto da matricula

Criança:

- Boletim de vacinas
- Cédula pessoa I/ B.I.
- Duas fotos (tipo passe)
- Ficha de ligação médica (deve constar que a criança não tem doença infecto contagiosa)

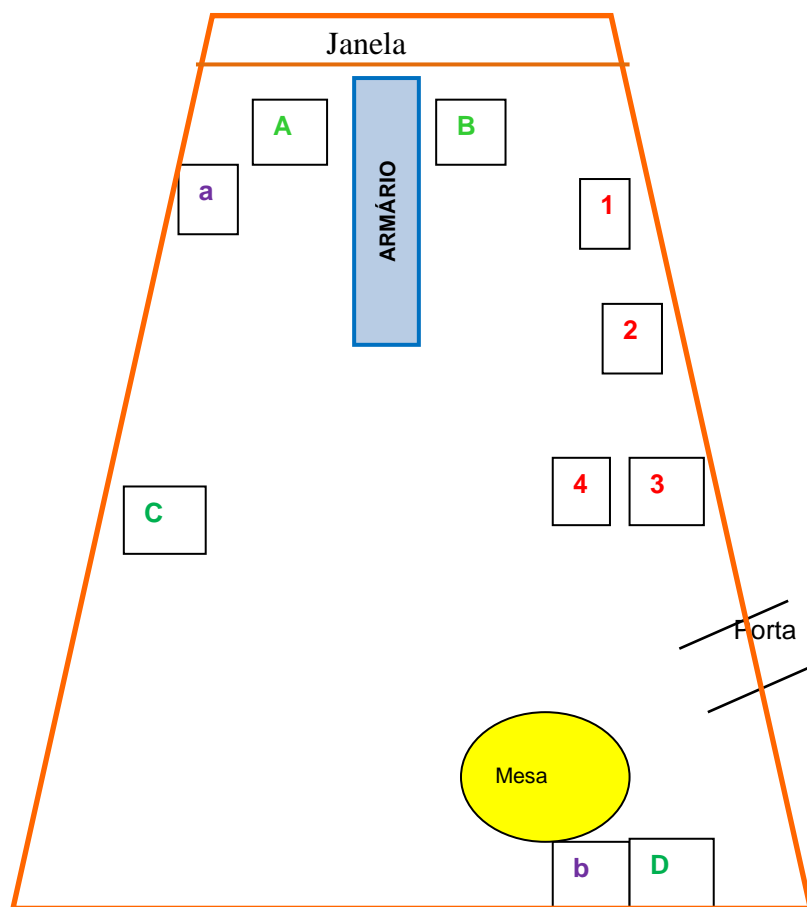
Pais:

- B.I.
- Cartão de beneficiário do sistema de saúde
- NIF
- B.I. das 2 pessoas autorizadas ao levantamento do utente.

5. Formalidades necessárias na admissão e matricula

- Aceitação do presente regulamento
- Preenchimento da ficha de inscrição
- Pagamento do valor de inscrição

ANEXO 2: Planta da sala



Legenda:

- A** – Área da Biblioteca
- B** – Área dos Jogos e Construções
- C** – Área da Casinha
- D** – Área da Expressão Plástica

Placards:

- a** - Placard de apoio ao Projeto
- b** – Placard da expressão Plástica

Quadros:

- 1** – Quadro dos aniversários
- 2** – Quadro do tempo
- 3** – Quadro da Educador
- 4** – Quadro da Presenças

ANEXO 3: Dados das crianças – nível socioeconómico dos pais

2 anos

Nº de crianças: 12

25/06/10

Dados da Crianças

Nome da Criança	Data de Nascimento	Pai		Mãe	
		Profissão	Habilitações Académicas	Profissão	Habilitações Académicas
	28/06/2010	P.S.P		Secretária	
	15/03/2010	Guarda Nacional		Professora	licenciada
	16/6/2010	Comercial		Administrativo	
	14/3/2010	colhente		Operadora de Supermercado	
	27/8/2009	Trabalho/Pintor		Desempregada	
	11/12/2009	Segurança no Progresso		Balconista	
	29/09/2010	Servilheira		Balconista	
	20/07/2010	Instrutor de condução			

1

Estagiária: Sónia Ferreira

Mariano Sousa	13/12/2010	Operário Fabril		Empregado de Balcão	
Roxete Azeite	24/07/2010	Fisco-tecnico			
Katilde Silva	16/06/2010	Comercial			
Criança X	24/07/2010	Superior	licenciada	Administrativa	licenciada

2

Estagiária: Sónia Ferreira

ANEXO 4:Ficha de Observação realizada pela Educadora

Ficha de Observação			
<i>Nome:</i> Criança X			
<i>Data de Nascimento:</i> 24/07/2010			
<u>Área de Formação Pessoal</u>			
	<i>Competências</i>	<i>A</i>	<i>E.D</i>
<u>Auto-conceito</u>	Reconhece e verbaliza o seu nome e a sua idade	×	
	Toma iniciativa para selecionar e expressa as suas escolhas verbalmente.	×	
	Reconhece o que é ser amigo, referindo o que tem que fazer aos outros/ou o que os outros têm que lhe fazer (dar mimos, não magoar, etc.)	×	
	Reconhecer-se como parte integrante de um grupo	×	
<u>Autonomia</u>	Marca a sua presença sem a ajuda do adulto	×	
	Age por iniciativa própria, levando a sua tarefa até ao fim		×
	Aceita as regras e tenta incuti-las aos outros	×	
	Sabe utilizar corretamente os diversos materiais da sala e das atividades	×	
	Explora ativamente todos os materiais que o rodeiam	×	
	Pede para ir à casa de banho	×	
	Utiliza a casa de banho sem ajuda	×	
<u>Relação com os outros</u>	Solicita a ajuda do adulto na realização de tarefas (percebe que não é capaz de as realizar sozinho)	×	
	Interage com o adulto e com as outras crianças ao longo de toda a rotina	×	
	Respeita os comportamentos delineados para quando estamos em grande ou em pequeno grupo		×
	Respeita os colegas e os adultos		×
	Identifica e nomeia os amigos que não estão presentes na sala (olhando para quem não marcou a presença)	×	
	Cumprimenta e despede-se dos outros	×	

Continuação do anexo 4: Ficha de Observação realizada pela Educadora

	Presta atenção às atividades orientadas apresentadas pelo adulto	×	
	Mostra entusiasmo e iniciativa nas atividades educativas propostas pelo educador	×	
	Permanece em silêncio quando é necessário (durante as atividades, quando é solicitado pelo adulto...)	×	
	Reconhece e identifica todas as crianças da escola, bem como os adultos	×	
<u>Área de Expressão e Comunicação</u>			
<i>Domínio</i>	<i>Competências</i>	<i>A</i>	<i>E.D</i>
<u>Expressão motora</u>	Corre sem cair e com objetos na mão	×	
	Realiza diferentes formas de locomoção: saltar a pés juntos, andar de bicos de pés, andar de cócoras, marchar, etc.	×	
	Experimenta várias posturas corporais (deitar de lado, com pernas no ar, puxar o rabo para cima...)	×	
	Sobe e desce escadas com o auxílio do corrimão, alternando os pés	×	
	Realiza diferentes atividades como: empilhar/desempilhar; encaixar/desencaixar; empurrar/puxar; abrir/fechar; agarrar; trazer; levar; retirar;...	×	
	Manipula objetos de diferentes tamanhos (peças de jogos, objetos dos diferentes cantos da sala, lápis de cor, marcadores, ...)	×	
	Segura os objetos, utilizando a forma de pinça	×	
	Come sozinho, utilizando colher, faca e garfo	×	
	Reconhece e identifica os órgãos dos sentidos, sabendo qual a sua função	×	
	Reage às experiências sensoriais, identificando algumas das características dos objetos que lhe são transmitidas pelos órgãos dos sentidos	×	

Continuação do anexo 4: Ficha de Observação realizada pela Educadora

<u>Expressão Dramática</u>	Inventa e improvisa algumas situações com os objetos que tem ao seu dispor	×	
	Brinca ao faz-de-conta, imitando situações reais	×	
	Utiliza os materiais para, atribuindo-lhes diferentes funções (livro serve de leque, por exemplo)	×	
<u>Expressão Plástica</u>	Mostra interesse em realizar todos os trabalhos propostos	×	
	Faz garatuja (desenho livre), ao qual começa a dar significado		×
	Faz desenhos figurativos (desenha pequenos objetos como bolas, carros, etc.)		×
	Utiliza com cuidado todos os materiais que estão ao seu dispor (tintas, marcadores, cola, etc.)	×	
	Reconhece e identifica as cores primárias e secundárias	×	
<u>Expressão Musical</u>	Reconhece e identifica vários sons: de vozes familiares, de animais, de meios de transporte, de objetos, etc.	×	
	Reproduz vários sons, utilizando o seu corpo, alguns objetos ou instrumentos	×	
	Dança ao som de uma música (reproduzindo os gestos apresentados ou fazendo-o de forma espontânea)	×	
	Reconhece as canções apresentadas, cantando-as	×	
<u>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</u>	Compreende e realiza ações que os outros lhe indicam	×	
	Verbaliza palavras simples (pai, cão, gato, ...), bem como palavras mais complexas (tais como refeitório, cozinha...)	×	
	Formula perguntas e respostas simples e mais complexas	×	
	Mantém um pequeno diálogo com os outros	×	
	Identifica a sua fotografia e o seu símbolo (aquando a marcação da presença)	×	
	Identifica e nomeia as imagens, os objetos, pessoais e animais, falando sobre as mesmas	×	
	Melhora a sua dicção através de repetição de palavra dita corretamente dita pelo adulto	×	
	Abandona o uso dos diminutivos, utilizando a palavra correta (popó – carro)	×	

Continuação do anexo 4: Ficha de Observação realizada pela Educadora

	Expressa-se, através de várias atividades (canções, poesias, ...) a nível: gestual, facial e corporal	×	
	Permanece atento durante as atividades	×	
Matemática	Compreende, executa e verbaliza tarefas com sequência lógica	×	
	Realiza corretamente determinados jogos mais complexos (com imagens mais complicadas e com mais peças)	×	
	Organiza alguns objetos consoante o atributo indicado (forma, tamanho e cor)	×	
	Identifica e nomeias as cores primárias e algumas secundárias	×	
	Reconhece as formas básicas: círculo, triângulo, quadrado e retângulo	×	
	Identifica e nomeia as formas básicas: círculo, triângulo, quadrado e retângulo	×	
	Contagem dos números até dez	×	
Área de Conhecimento do Mundo			
Revela	<i>Competências</i>		
		<i>A</i>	<i>E.D</i>
	Capacidade de explorar	×	
	Desejo de inventar e experimentar	×	
Descoberta de si mesmo	Verbaliza o seu nome, a sua idade e a sua identidade sexual (menino/menina)	×	
	Seleciona jogos, brinquedos, cantos, objetos e brincadeiras	×	
	Compreende e realiza as normas de higiene	×	
	Reconhece e identifica as diferentes partes do corpo	×	
Descoberta dos outros e espaços	Reconhece e verbaliza o nome daqueles que lhe são familiares (família, pessoas da escola)	×	
	Reconhece e identifica os cantos da sala, bem como os seus materiais	×	
	Reconhece e identifica as funções de cada canto (quarto é para dormir, cozinha para cozinhar e comer...)	×	
	Desloca pelos diferentes espaços da escolinha	×	

Continuação do anexo 4: Ficha de Observação realizada pela Educadora

Meio próximo	Reconhece e nomeia os diferentes meios de transportes, bem como o meio em que se deslocam	×	
	Reconhece e nomeia alguns animais, bem como algumas das suas características (som, o que comem, o que nos dão...)	×	
	Conhece e identifica o tempo atmosférico: sol, chuva, vento, reconhecendo-o nas imagens do quadro do tempo	×	
	Reconhece e distingue o dia da noite	×	
	Reconhece e identifica algumas das mudanças ocorridas com a passagem das estações do ano (roupa, mudança atmosférica, na natureza...)	×	

Legenda: A – Adquirido;
E.D – Em desenvolvimento

Observações: A criança X atingiu os objetivos propostos para a faixa etária, demonstrando um equilibrado desenvolvimento. Contudo, no que diz respeito ao comportamento social, mais especificamente na sua relação com os outros pares, a criança X tem alguns movimentos espontâneos, como empurrar o amigo, bater, apertar, que faz de forma impulsiva. Para além disso, quando é chamado à atenção por algum motivo, tem a tendência em fazer esses mesmos movimentos no amigo que está mais próximo de si, sendo chamado à atenção.

É uma criança muito meiga, participativa e atenta e que teve uma boa adaptação ao espaço escolar.

A Educadora,

28/06/2013

ANEXO 5 – Avaliação de desenvolvimento da Criança dos 24 aos 36 meses
(Desenvolvimento biológico, desenvolvimento emocional e sentimental,
desenvolvimento socio-relacional)

I- DESENVOLVIMENTO BIOLÓGICO

I.1- Saúde

Assinalar o nível adequado:

- 5 - Muito saudável, raramente doente;
- 4 - Saudável;
- 3 - Normalmente saudável, apenas contraindo constipações, gripes e doenças habituais;
- 2 - Necessita de certos cuidados, pois tem tendência para adoecer;
- 1 - Frequentemente doente;
- 0 - Doença Crónica; índice de *Rufier* superior a 15.

I.2- Peso

Raparigas:

Idades	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5
2 a 3 anos	Inferior a 10 kg	10 kg	11 kg	Superior a 17 kg	12 a 17 kg	14 kg
4 anos	Inferior a 10 kg	11 kg	12 kg	Superior a 20 kg	13 a 20 kg	16 kg
5 anos	Inferior a 12 kg	12 kg	13 kg	Superior a 23 kg	14 a 23 kg	17 kg
6 anos	Inferior a 14 kg	14 kg	15 kg	Superior a 26 kg	16 a 26 kg	19 kg

Rapazes:

Idades	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5
2 a 3 anos	Inferior a 11 kg	11 kg	12 kg	Superior a 18 kg	13 a 18 kg	15 kg
4 anos	Inferior a 12 kg	12 kg	13 kg	Superior a 20 kg	14 a 20 kg	17 kg
5 anos	Inferior a 13 kg	13 kg	14 kg	Superior a 23 kg	15 a 23 kg	18 kg
6 anos	Inferior a 15 kg	15 kg	16 kg	superior a 27 kg	17 a 27 kg	21 kg

Assinalar o nível adequado:

- 5 – Nível 5
- 4 – Nível 4
- 3 – Nível 3
- 2 – Nível 2
- 1 – Nível 1
- 0 – Nível 0

Continuação do anexo 5 : Avaliação do desenvolvimento da Criança dos 24 aos 36 meses – desenvolvimento Biológico

I.3- Altura

Raparigas:

Idades	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5
2 a 3 anos	Inferior a 80 cm	80-84 cm	85-87 cm	Superior a 100 cm	88-100 cm	95 cm
4 anos	Inferior a 85 cm	85-89 cm	90-94 cm	Superior a 108 cm	95-108 cm	102 cm
5 anos	Inferior a 90 cm	90-94 cm	95-100 cm	Superior a 116 cm	101-116 cm	109 cm
6 anos	Inferior a 95 cm	95-100 cm	100-105 cm	Superior a 124 cm	106-124 cm	115 cm

Rapazes:

Idades	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5
2 a 3 anos	Inferior a 80 cm	80-84 cm	85-88 cm	Superior a 102cm	89-102 cm	95 cm
4 anos	Inferior a 85 cm	85-89 cm	90-95 cm	Superior a 115cm	96-115 cm	103 cm
5 anos	Inferior a 90 cm	90-94 cm	95-101 cm	Superior a 118cm	102-118 cm	110 cm
6 anos	Inferior a 95 cm	94-99 cm	100-107 cm	Superior a 125cm	108-125 cm	116 cm

Assinalar o nível adequado:

5 – Nível 5

4 – Nível 4

3 – Nível 3

2 – Nível 2

1 – Nível 1

0 – Nível 0

Continuação do anexo 5 : Avaliação do desenvolvimento da Criança dos 24 aos 36 meses – desenvolvimento Emocional e Sentimental

II- DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E SENTIMENTAL

II.1- Vontade

Assinalar o nível adequado:

- 5 - Grande força de vontade: quando começa um trabalho esforça-se para o conseguir levar até ao fim;
- 4 - Força de vontade média;
- 3 - Pouca força de vontade; desiste ao primeiro obstáculo;
- 2 - Inconstante; começa um trabalho para logo o largar e dar atenção a outra coisa;
- 1 - Sem vontade para nada; tem que ser constantemente motivada e incentivada. Hiperbúlica: sem energia, apática.
- 0 - Híper cinética não consegue dominar as suas pulsões; não consegue ficar quieta; mesmo quando se esforça para isso.

II.2- Emoções

Assinalar o nível adequado:

- 5 - Equilibrada, expansiva, contida nas devidas alturas;
- 4 - Extrovertida, comunicativa, alegre e barulhenta;
- 3 - Contida, calma, certo receio de se expandir;
- 2 - “Agressiva” e conflituosa;
- 1 - Introversa, parada, inibida e fechada em si; pouca vitalidade;
- 0 - Infeliz, sem vitalidade.

II.3- Sentimentos

Assinalar o nível adequado:

- 5 - Não consegue viver sem ser num clima de grande amor, festas e beijinhos;
- 4 - Gosta de receber e corresponder a festas, beijinhos e abraços;
- 3 - Gosta que lhe deem carinhos, mas não toma iniciativa nem corresponde;
- 2 - Às vezes rejeita os carinhos que lhe fazem;
- 1 - Indiferente a festas e carícias;
- 0 - Repudia sistematicamente contatos de carícias reagindo agressivamente.

Continuação do anexo 5 : Avaliação do desenvolvimento da Criança dos 24 aos 36 meses – desenvolvimento socio-relacional

VII- DESENVOLVIMENTO SÓCIO – RELACIONAL

VII. 1- Relacionamento

Assinalar o nível adequado:

- 5- Extrovertida, alegre, viva, comunicativa exuberante.
- 4 - Franca, cordial, simpática.
- 3 - Atitude média.
- 2 - Reservada nos primeiros contatos.
- 1 - Introvertida, solitária, fechada em si, evitando contactos com os outros.
- 0 - Antipática, hostil, agressiva na relação.

VII. 2 - Cooperação

Assinalar o nível adequado:

- 5 - Deseja e vive intensamente atividades de grupo sendo, capaz de cooperar sem dificuldade; É capaz de subordinar os seus interesses aos desejos de grupo.
- 4 - Gosta de atividades de grupo - cooperação, mas por vezes surgem atritos egocêntricos.
- 3 - Consegue atuar cooperativamente em grupo de dois ou três elementos, mas por pouco tempo.
- 2 - Às vezes brinca cooperativamente com ou outro companheiro.
- 1 - Gosta de brincar ao pé de outras mas não é ainda capaz de brincar com outra, de forma cooperativo
- 0 - Inibida, temerosa, isolando-se e fugindo a qualquer contato com outras crianças; Reage agressivamente ao contato com outras.

ANEXO 6: Avaliação do Desenvolvimento da Criança dos 24 aos 36 meses (Perfil de desenvolvimento)

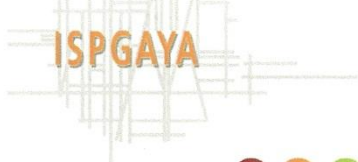
PERFIL DO DESENVOLVIMENTO

	Nível: 0	1	2	3	4	5
Desenvolvimento Biológico:						
Saúde				X		
Peso			X			
Altura			X			
Desenvolvimento Emocional – Sentimental						
Vontade			X			
Emoções			X			
Sentimentos				X		
Desenvolvimento Gnóstico – Mnésico						
Memória Visual	X					
Memoria Auditiva				X		
Atenção			X			
Desenvolvimento da Fala						
Articulação Verbal		X				
Fluência da Fala					X	
Expressão e Comunicação				X		
Desenvolvimento Cognitivo – Criativo:						
Inteligência de Realização			X			
Compreensão					Não Aplicável	
Raciocínio						X
Desenvolvimento Autônômico						
Sono						X
Alimentação			X			
Eliminação				X		
Vestir-se				X		
Raciocínio Lógico – Matemático					X	
Autonomia				X		
Desenvolvimento Sócio Relacional						
Relacionamento				X		
Cooperação				X		
Desenvolvimento Psicomotor						
Equilíbrio		X				
Praxais Globais		X				
Somestésias		X				
Espacialidade			X			
Temporalidade			X			


Total: 19,72 / 8 = 2,465

Média: +/- 3


ANEXO 7: Programa da Unidade Curricular Prática do Ensino Supervisionado



ISPGAYA



Escola Superior de Educação de Santa
Maria



UNIDADE CURRICULAR DE PRÁTICAS DE ENSINO SUPERVISIONADA 2011/2012

Disciplina anual do 1º Ano do Curso de Mestrado em educação Pré-Escolar
1º semestre

Regente

Maria Isabel Gonçalves de Carvalho

Docentes da Disciplina

Maria Isabel Gonçalves de Carvalho

Júris Auxiliares da Disciplina

Isabel Cristina Pinto da Mota Magalhães Ribeiro dos Santos

Número total de ECTS: 5

Carga Horária (horas)

14.0 teórico-práticas, 145.0 estágio, 6.0 orientação tutorial


Introdução

Esta Unidade Curricular organiza-se em concordância com o definido: i) pelo Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro, no Artigo 14º - nº 4, pela LBSE (Lei nº 46/86 de 14 de Outubro, alterada pela Lei nº 115/97 de 19 de Setembro e pela Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto); ii) Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei nº 5/97 de 10 de Fevereiro); iii) decreto-lei nº 6/2001 de 18 de Janeiro; iv) Currículo Nacional: Competências essenciais do Ministério da Educação em 2001; v) Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e para o 1º Ciclo do Ensino Básico.


Esta Unidade Curricular convoca, além da legislação mencionada, a investigação em torno da temática da formação de professores (Schön:1983 e 1987; Schulman: 1987; Zeichner: 1993; Alarcão: 1991, 1996 e 2001; Roldão: 2001; Sá-Chaves: 1994, 1996 e 2000) que fomenta a promoção de momentos em que seja evidente um progressiva autonomia e responsabilização em contexto de estágio.

1


Continuação do anexo 7: Programa da Unidade Curricular Prática do Ensino Supervisionado



ISPGAYA



Escola Superior de Educação de Santa
Maria



Esta componente de formação, integrada na Licenciatura em Educação Básica, fundamenta a legislação e a investigação na área e as suas actividades:

- a) Incluem observações e colaboração em situações de educação e ensino (...);
- b) Proporcionam aos formandos experiências de planificação, ensino e avaliação, de acordo com as competências cometidas ao docente, dentro e fora da sala de aula;
- c) Realizam-se em grupos ou turmas de diferentes níveis e ciclos de educação e ensino abrangidos pelo domínio de habilitação para a docência para a qual o curso prepara, devendo, se para o efeito for necessário, realizar-se em mais de um estabelecimento de educação e ensino (...);
- d) São concebidos numa perspectiva de desenvolvimento profissional dos formandos visando o desempenho como futuros docentes

Deste modo e em consonância com os objectivos apontados pela legislação e pela investigação na área, o projecto de formação que pretendemos que os alunos desenvolvam inscreve-se num registo reflexivo, que pretende sublinhar preocupações e orientações que enformem um determinado percurso académico e uma determinada prática profissional

É através de um referencial teórico adquirido nas diferentes componentes do Curso, que se pretende reflectida e exercitada uma prática pedagógica em contexto, diversificada e desenvolvida em escolas situadas em diferentes contextos geográficos, de onde decorrem interesses, necessidades e públicos diferentes.


De forma genérica, o projecto de iniciação à prática profissional, pretende caracterizar-se por três linhas fundamentais: (i) uma forte ênfase na formação teórica, científica e de investigação; (ii) uma forte ênfase na focalização e intervenção educativa; (iii) uma forte ênfase para a construção de uma perspectiva multifacetada face aos conhecimentos, reflexão e intervenção, isto é, que tenda a favorecer a mobilização de diferentes modos de interrogação e abordagem dos fenómenos educativos, dos problemas, dos contextos e das situações educativas.

Pretende, também, este projecto de formação, proporcionar uma diversidade de referências que visem mais do que uma sobreposição ou acumulação aditiva de saberes, mas o confronto com diferentes perspectivas para a análise, reflexão e actuação em educação. Aqui reside o que pensamos ser o papel de educador de infância ou do Professor, na actualidade.


Sugerimos que a espinha dorsal do trabalho desenvolvido nesta área seja a ideia de que saberes e conhecimentos teóricos e científicos, isto é, diferentes formas de ver e agir, podem e devem ser reconstruídos a apropriados, problematizados e confrontados com diferentes contextos de reflexão e de acção. Tal confronto, permite aos sujeitos em formação reconstituir e revalorizar aqueles conhecimentos, aquelas formas de ver e de agir, fazendo emergir as suas lógicas próprias, através dos desafios que se apresentam. Apresentamos, então, após um período inicial de formação teórica, a prática profissional em contexto (4º, 5º e 6º semestres),

2


Continuação do anexo 7: Programa da Unidade Curricular Prática do Ensino Supervisionado



ISPGAYA



Escola Superior de Educação de Santa
Maria



um tempo de estágio, que permita desenvolver uma postura de observação, investigação, intervenção e acção pedagógica.

Esta formação proporcionada ao longo do curso permitirá, pensamos, o desenvolvimento de competências para a reflexão, análise e mobilização de diferentes saberes, proporcionada pelo contacto com uma diversidade de instituições, uma multiplicidade de situações que visam sempre, a la limite, o desenvolvimento de um profissional possuidor de um capital importante para o terreno da acção e da criação de espaços e contextos educativos (a concretizar no 2º Ciclo de Estudos), sem esquecer a componente ética e deontológica inerente ao desempenho da profissão.

Objectivos

OBJECTIVOS GERAIS

- Observar questionar, pesquisar, seleccionar e organizar informação relevante
- Caracterizar modelos de organização curricular
- Mobilizar para a prática conhecimentos tendo em conta a integração de conteúdos relativos a conceitos, procedimentos, atitudes e valores
- Conceber projetos de intervenção para um grupo/turma de alunos, tendo em conta um quadro teórico metodológico de referência, as Orientações Curriculares, as metas de aprendizagem, os projetos da Instituição, as necessidades/potencialidades e características dos contextos.
- Construir, desenvolver e avaliar planificações diárias tendo em conta diferentes variáveis da prática.
- Refletir modelos e práticas da relação escola/família.
- Produzir textos de reflexão pessoal e em grupo
- Refletir e avaliar criticamente as intervenções próprias e as observadas.
- Revelar um uso correto da Língua Portuguesa, oral e escrito
- Criar um clima relacional favorável à compreensão e aceitação dos diferentes grupos culturais e sociais, tendo em mente a promoção de uma educação inter/multicultural
- Relacionar-se bem com os seus pares.


OBJECTIVOS ESPECÍFICOS DO ESTÁGIO:

Para além dos mencionados no ponto anterior, salienta-se:


1. Contactar e integrar-se em diferentes contextos educativos;
2. Recolher e organizar todos os elementos necessários à análise da Instituição e da respectiva população;
3. Recolher, caracterizar e analisar o ambiente educativo, tendo em conta que o espaço é uma estrutura de oportunidades;

3


Continuação do anexo 7: Programa da Unidade Curricular Prática do Ensino Supervisionado



ISPGAYA



Escola Superior de Educação de Santa
Maria



4. Descrever e analisar, de forma detalhada, os deferentes momentos experienciados, através da observação participante efectuada em contexto escolar;
5. Planificar e dinamizar (sob a supervisão do professor/Educador Cooperante) diferentes momentos em grande e em pequeno grupo em todos os domínios curriculares;
6. Responder de modo positivo e adequado à integração e participação na equipa de trabalho.
7. Manifestar capacidade relacional e de comunicação, bem como equilíbrio emocional, nas diferentes situações inerentes à prática em contexto profissional;
8. Demonstrar a capacidade de se implicar em situações que envolvam todos os intervenientes no processo educativo;
9. Evidenciar um comportamento ético e deontológico inerente à profissão.

Pré-requisitos ou conhecimentos adquiridos e facilitadores de aprendizagem

Para de inscrever nesta Unidade Curricular o formando tem de ter realizado a Licenciatura em Educação Básica ou a Unidade Curricular de Práticas em Contexto Profissional III

Conteúdos Programáticos e imputação de cargas horárias

AULAS TEÓRICO PRÁTICAS

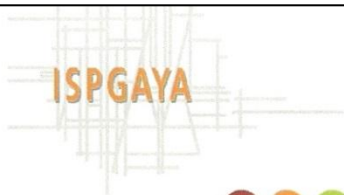
1. O Plano Curricular de turma: sua elaboração e implementação;
2. A rotina diária: sua importância e formas de organização. Da definição de objetivos e conteúdos às concepções de ensino e aprendizagem, tendo como referencial
3. Trabalho de projeto; a metodologia de projeto; a concepção, elaboração e reflexão de um projeto pedagógico.
4. Importância da relação escola/família e diferentes modelos, de acordo com os diferentes contextos socio económicos e culturais.
5. Reflexão sobre questões atuais da educação pré-escolar: educação inter/multicultural, educação em tempo de crise, educação sexual, entre outras.

ESTÁGIO

- 1 - Recolha de todos os elementos necessários ao conhecimento e análise de uma instituição educativa;
- 2 - Caracterização da organização do ambiente educativo da sala de atividades e posterior intervenção;
- 3 - Observação participada e posterior descrição e reflexão detalhada dos diferentes momentos experienciados nos Centros de Prática Pedagógica;
- 5 - Planificação das experiências integradas a realizar;
- 6 - Realização de experiências integradas em diferentes áreas/domínios curriculares;
- 7 - Comunicar, motivar e organizar o grupo de crianças em que se encontra integrada.

4

Continuação do anexo 7: Programa da Unidade Curricular Prática do Ensino Supervisionado



Escola Superior de Educação de Santa Maria



Metodologia Pedagógica

A metodologia de trabalho assenta numa interacção entre a reflexão sobre os desenvolvimentos das situações da prática e a fundamentação e o aprofundamento teórico das temáticas em estudo:

- exposição de algumas temáticas pela docente
- apresentação e discussão de situações de estágio
- trabalho individual e em pequenos grupos
- auto e hetero-reflexões
- inserção em contextos reais de educação de infância
- acompanhamento da intervenção através de visitas aos locais de estágio
- atendimentos/tutorias individuais e em grupos

Em situação de estágio, a metodologia gira em torno do confronto entre teoria e prática, experimentando e reflectindo o quotidiano da Escola e o trabalho em equipa como meio de auto-formação.

Em ambas as situações o aluno recolhe informações estruturadas que lhe permitam compreender a dinâmica organizacional da escola, o ambiente educativo e relacional, bem como todas as ocasiões de ensino-aprendizagem, tendo em vista uma progressiva autonomia e responsabilização.

Metodologia de Avaliação e Instrumentos de Avaliação Utilizados

Não há época de recurso nesta Unidade curricular.

A avaliação desta unidade curricular é, obrigatoriamente, efectuada através de avaliação contínua e é composta por duas componentes (1):

A Nota final é calculada pelos seguintes níveis de ponderação:

Pontualidade e participação reflexiva nas aulas e nota de todos os trabalhos decorrentes da aula - 15%

Projecto de intervenção (PCT), planificações e materiais de apoio à intervenções tendo em conta o projecto - 15%

Descritivo diário das sessões e respectiva reflexão crítica - 10%

Avaliação do docente cooperante - 30%

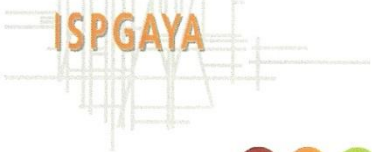
Avaliação do Supervisor – 30%

Nota final - 100%


CALENDARIZAÇÃO:

Entrega de pequenos trabalhos tóricos e práticos – definido aula a aula


Continuação do anexo 7: Programa da Unidade Curricular Prática do Ensino Supervisionado



ISPGAYA



Escola Superior de Educação de Santa
Maria



Dossier de estágio – Em todos os momentos de acompanhamento nos CPP
Avaliação de Estágio – No final do semestre haverá uma reunião de trabalho entre o supervisor, o educador e o formando. No final do semestre entrega de uma avaliação de desempenho por parte do educador Cooperante e do Aluno.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Os critérios de avaliação dos **trabalhos escritos** produzidos, traduz-se através dos seguintes parâmetros:

1. Organização e expressão escrita;
2. Adequação, diversidade e qualidade da pesquisa e reflexão efectuadas;
3. Relação e adequação dos conhecimentos e situações experienciadas, elaborando reflexões e sínteses originais e fundamentadas que evidenciem uma atitude reflexiva crítica e realizadas por mérito e iniciativa próprias;
4. Registos de Observação diária;
5. Rigor metodológico.

Os **critérios de avaliação do tempo de estágio** decorrem do Acompanhamento e Observação realizada pela Supervisora e pelo Educador Cooperante e traduzem-se através dos seguintes parâmetros:

1. Características Pessoais;

- 1.1. Assiduidade;
- 1.2. Pontualidade;
- 1.3. Capacidade de Organização Pessoal;
- 1.4. Capacidade e Formas de Comunicação;
- 1.5. Capacidade Expressiva;
- 1.6. Capacidade Relacional:
- 1.7. Interesse pela Intervenção
- 1.8. Iniciativa/Disponibilidade;
- 1.9. Responsabilidade;
- 1.10. Capacidade e formas de avaliação/reflexão;


2. Concepção e Desenvolvimento do Currículo

- 2.1. Enriquecimento do ambiente educativo;
- 2.2. Colaboração na organização e cuidado com o espaço educativo;
- 2.3. Integração na gestão do tempo;
- 2.5. Intervenção: promoção e desenvolvimento de experiências integradas no Projecto Curricular de Turma;


3. Reflexão, Análise e Espírito Crítico

6


Continuação do anexo 7: Programa da Unidade Curricular Prática do Ensino Supervisionado



ISPGAYA



Escola Superior de Educação de Santa
Maria



3.1. Portfólio de Estágio;

Os critérios de avaliação do teste giram em torno dos conhecimentos demonstrados e da capacidade de organização e expressão escritas.

Avaliação - Condições de Acesso à Época de Recurso

Não há época de recurso nesta Unidade Curricular.

Condições de Melhoria de Classificação

Não se aplica.

Idioma da Instrução
Português

Horário de Atendimento a Alunos
Quarta-Feira das 17.00 ou 18.00 às 18.30 horas.

Carga Lectiva Semanal
Documentos oficiais

Material Permitido em Avaliação
Todo e qualquer material com excepção do momento de realização do teste.

Recursos Informáticos Utilizados
Todos os que venham a entender-se necessários ou úteis.

Outros Recursos Didácticos
Todos os necessários à simulação de aulas.

Bibliografia Fundamental e Complementar

ALTET, M. (1994). Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas. Porto: Porto Editora.

ARENDS, R. (1995). Aprender a Ensinar. Amadora: Mac Grow Hill.

BAIRRÃO, J., BARBOSA, M., BORGES, I., CRUZ, O., MACEDO-PINTO, I. (1990). Perfil Nacional dos Cuidados Prestados às Crianças com Idade Inferior Seis Anos. Lisboa: Fundação Gulbenkian.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira (2006) Rotinas na Educação Infantil, Porto Alegre: Artmed.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira et HORN, Maria da Graça Souza (2008) Projectos Pedagógicos na Educação Infantil, Porto Alegre: Artmed.

ANEXO 8: Construção do carro em 3D



Continuação do anexo 8: Construção do carro em 3 D - Carro Montado

